

ANO V.-N.º 226

13 DE SETEMBRO 1945

PREÇO AVULSO 1\$80

VIDA
MUNDIAL

ILUSTRADA



Parque Eduardo VII



SOLDADOS E MARI-
NHEIROS DO BRASIL
ASSISTEM, NO MO-
NUMENTO AOS MOR-
TOS DA GRANDE
GUERRA, AO DESFILE
DOS SOLDADOS DOS
DOIS PAÍSES IRMÃOS

(Foto Jorge Garcia)

6 RAPARIGAS PARA UM FILME, PRECISAM-SE.



HOLLYWOOD OU LUMIAR

VIDA MUNDIAL

ILUSTRADA

DIRECTOR:

JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR:

PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE "VIDA MUNDIAL
EDITORIA, LIMITADA"

EÇA E O BRASIL

Por **NIBAL NAZARÉ**

AO desembarcarem, há dias, em terra portuguesa, os soldados brasileiros foram juncar de flores o monumento a Eça de Queiroz.

Um numeroso grupo de soldados da nação irmã, homens que há mais dum ano estavam longe dos seus lares, batendo-se por um ideal de Liberdade e Civilização, quiseram, ao chegar a Lisboa, antes de ver a cidade, antes de percorrerem as suas localidades pitorescas ou os divertimentos que mais lhes tivessem recomendado, depor os pés do nosso grande escritor as flores da sua admiração — as flores que Eça bem merece de homens que falam a língua portuguesa.

Acompanhámos com muitos oficiais e soldados do Destacamento Especial Brasileiro. Estivemos com muitos no festival que lhes foi oferecido na Praça do Império, na Feira Popular; com vários percorremos ruas da cidade; na companhia de alguns nos quedámos, depois, até o dia nascer, a ouvir cantar o fado e o samba — duas expressões e duas raças — num «retiro» popular, nessa noite como que transformado em relicário de saudades...

Pois — perdoem-me vocês, bons companheiros duma noite! — de nenhuma ou sei que melhor «tivessem» sabido vir a Lisboa que os que quiseram florir o monumento de Eça.

E o grande escritor, ultimamente tão homenageado, e por tão diferentes formas, certamente apreciaria esta homenagem mais do que todas — ou, pelo menos, mais do que muitas...

Nem livros, nem artigos, nem discursos: — Flores!

Flores do Brasil sobre uma estátua portuguesa! Patriotas de Machado de Assis esqueceram, no mármore, com pétalas de rosas, o melhor elogio até hoje escrito sobre Eça de Queiroz...



Há quem afirme a inexistência de reparigos bonitas no Cinema português. Que não é assim, provam-nos estas duas fotos, nas quais vemos alguns reparigos alegres, que estão filmando no Lumiar e fazem parte do elenco do novo filme «Ladrão, preciso-se!».

PANORAMA



NORUEGA

A um escultor norueguês deu-lhe para fazer a estranha estátua que a gravura representa, e que faz parte duma «floresta de estátuas» construída pelo mesmo artista.

Preguntaram-lhe: — Qual o significado dessa estátua?

E ele respondeu: — Sonhei com isto uma noite! E, só por isso, resolvi transformar o sonho em realidade!

A nós, dá-nos a impressão que o que ele teve foi — um pesadelo!

AMÉRICA



Marlene Dietrich recebendo os soldados americanos que regressam aos Estados Unidos, vindos do Pacífico.

Chamam os americanos a isto «dar as boas-vindas».

E que boas-vindas! E de outros soldados devem estar cheios de pena de não terem combatido no Pacífico!...

INGLATERRA



O sr. Winston Churchill e sua esposa costumam ir à praia. Aqui vemos o chefe conservador inglês gozando um dia tranquilizado em Henday, sua praia preferida. Como se vê, o sr. Churchill não é adepto do semi-nudismo nas praias...

COMO USAR UM 'SARI'



Aqui têm um esariz indiano antes de ser enrolado. Tem aproximadamente seis metros de comprido!



Primeiro, ajusta-se uma ponta, como se fôsse um saia... e entro-



lo-se em seguida à volta da cintura.



Esta operação é feita com cuidado e de maneira a formar algumas pregas.



Com a mão esquerda ergue-se a ponta do sariis e puzo-se sobre o ombro esquerdo.



O sr. general Manuel Latino entregando as taças aos vencedores do Concurso Hípico de Cascais, após o banquete que lhes foi oferecido no Casino do Estoril. Na foto vê-se o sr. general Latino cumprimentando a sr. Condessa de Showédlloff.



Um aspecto do «cock tail» oferecido no Estoril pelo sr. Presidente da Câmara Municipal de Cascais aos officiaes brasileiros que nos visitaram.



Com as mãos põe-se o esariz sobre a cabeça. E pronto! Está



feito a staillettes duma mulher indiana!

COM

ERIN O'KELLY

SÃO raras as mulheres que, diante do espelho, se confessam satisfeitas consigo próprias, no que respeita à elegância e equilíbrio dos formas. No entanto, todas as imperfeições se corrigem, graças à ginástica, e a grande segredo das vedetas de Hollywood. Há muitos exercícios aconselháveis para cada um dos casos. Erin O'Kelly, considerada uma das mulheres mais elegantes da Cinelândia, apresenta cinco, de resultados garantidos, e que qualquer raparigo pode experimentar no seu caso. Quando muito, necessitará duma cadeira vulgar.

As raparigas portuguesas não tomam o ginástico muito a sério, e ela não faz parte dos seus hábitos. Por via de regra, tentam meia dúzia de vezes, e como não eliminam instantaneamente as adiposidades — desistem. Estes exercícios requerem persistência. Os efeitos não se fazem sentir imediatamente. Mas se néles se perseverar, são inevitáveis.

E, agora, leitores, tomem atenção aos exercícios de Erin O'Kelly.

- 1 Este é o mais vulgar de quantos se recomendam para os músculos da barriga. Mas pode considerá-lo fundamental. Pés unidos, flexão do busto à frente, mãos estendidas — até juntar as pontas dos dedos à extremidade dos pés, sem curvar as pernas. Exercício admirável para queimar as gorduras superficiais do abdóme e enrijar as costas.
- 2 Posição horizontal, de costas. Braços abertos. Pernas unidas. Flexão até formar ângulo recto com o solo. Repetir lentamente este exercício. Primitivo, cinco vezes por dia. Depois, dez. Aumentar a proporção até atingir a finalidade do movimento e é idêntica à do exercício n.º 1. E pode, até certo ponto, considerá-lo-se o seu complemento ideal. A inspiração e expiração fazem-se com mais facilidade, graças à posição do busto.
- 3 Exercício para adelgaçar as pernas, deve ser praticado alternadamente, com a esquerda e a direita. A perna eleva-se em ângulo recto e depois estende-se paralelamente ao solo. Até se adquirir o equilíbrio indispensável para a perfeita execução do movimento, é aconselhável ter, dum lado e doutro, ao alcance das mãos, uma cadeira para apoiar.
- 4 A cadeira funciona agora como um aparelho de ginástica. Exercício para favorecer as boas posições nas ancas. As mãos devem apoiar-se nas pernas das cadeiras, junto ao chão. As pernas devem ser levantadas alternadamente. Para começar, repetir o movimento maravilhoso. Um exercício com resultados maravilhosos.
- 5 Eis, na sua aparente simplicidade, uma prova rude e violenta, destinada a desenvolver os braços e o busto. A elevação do corpo é feita sobre os braços. E para o exercício resultar perfeito torna-se indispensável que o corpo se mantenha hirtó, sem se dobrar pelos joelhos ou pela cintura. De princípio este exercício exige um esforço muscular pronunciado, pelo que a repetição do movi-



O CINEMA À CONQUISTA DO MUNDO

SEGUNDO refere o «Kinematograph Wkly», o sr. Arthur Loew, magnate da Metro-Goldwyn-Mayer, anunciou que a sua firma vai registar todos os filmes, em imagem e som, sobre película de formato de 16 milímetros, com o fim de levar o cinema às mais recônditas regiões do globo, as quais, pela exiguidade populacional, não podem construir e manter salas cinematográficas. Segundo parece, a iniciativa não fica confinada, apenas, à América, e será, pelo contrário, extensiva ao mundo inteiro, por intermédio das agências daquela firma nos diversos países.

Uma pequena aparelhagem de projecção, meia dúzia de filmes que se metem dentro duma mala de viagem — e é tudo quanto basta para uma série de espectáculo, iguais aos dos grandes centros. A aldisa perdida no sopé da montanha, a vida que fica no extremo do vale, poderão, deste modo, tomar contacto com o mundo, através do Cinema, e ver, ao mesmo tempo, os espectáculos que atraem as atenções das platéias de Nova-York, de Londres ou Paris.

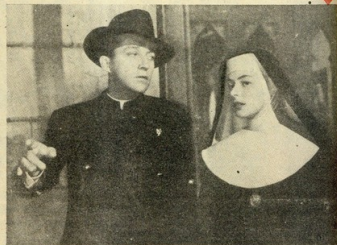
Inútil frisar a importância do empreendimento. Os problemas morais que lhe compoem. A infâmia que o cinema está destinado a exercer nessas zonas normalmente afastadas do convívio do chamado mundo civilizado. O cinema é uma arma de dois gumes. Pode conduzir ao melhor — ou ao pior. A medida que se infiltra e se expande pelo mundo, vê aumentadas as suas responsabilidades e ampliada a grandeza da sua missão. Oxalá os homens que lhe comandam os destinos se compenetrarem destas realidades e as tenham presentes no momento de erguer os filmes que hão-de emocionar o pastor da serra, o lenhador de florestas, o cavador dos campos. Eles não entendem certos aspectos da vida, que lhe falam uma linguagem estranha, bem diferente da que é ditada pela voz do sangue e da criação. O cinema deve conquistar esse público, que o ignora. Mas não pode ficar por aí. Tem que o tornar mais feliz. De contrário, falaria a sua missão. E ficaria necessariamente perdida ou incompleta a obra meritória que se propõe levar a cabo, ao subir as serranias e descer ao fundo dos vales, para se revelar aos olhos dos que não estão afeitos a amá-lo e entendê-lo.

FERNANDO FRAGOSO

MILHÕES de homens sonham com elo. A sua imagem, à cabeceira da torrimba dos soldados americanos que combatem os japoneses, era o único visio agradável das terras do sol e do febre! Foi o feroz herói do exercito yankees. Distribuiu milhares de fotos, luzindo a sua plastica impecável. E, no entanto, a serio loira de tantos filmes é, no vida real, bem diferente. A Betty Grable do tela não se parece nada com o Mrs. Harry James que aqui vamos, ao lado do marido, com Vicki, primeiro fruto dum matrimonio felis...



Hollywood é assim! Quando um actor agrada num papel, dá-lhe outro parecido. Bing Crosby teve um éxito enorme no «Don Pastor». Po os filmes vão-lo, noutro filme, no encarnação dum sacerdote católico. O nome intitulou-se «Os sinos de Santa Maria». E, a seu lado, figura Ingrid Bergman. Os dois prémios de interpretação de 1944, um filme de 1945!



DOS BILHETES PREÇOS VÃO AUMENTAR?

A MAIS CÉLEBRE BAILARINA DE

HOLLYWOOD



Sosseguem, leitores, pois, segundo parece, ainda não é desta vez...

A Interrogação tantas vezes formulada nos jornais diários — «Os preços dos bilhetes de cinema vão aumentar?» — interessou vivamente o público, porquanto o cinema deixou, há muito tempo, de ser um luxo para se tornar num hábito e, até, numa necessidade espiritual. No entanto, a pergunta tem razão de ser, porque todos sabem que o Grémio Nacional dos Cinemas já reuniu, por duas vezes, os seus associados, para tratar de tão momentoso problema.

Apesar, com efeito, determinados empresários que, pensando sobre os espectáculos cinematográficos encargos cada vez mais numerosas e onerosos, não podem deixar de aumentar os preços, para fazer face ao desequilíbrio financeiro resultante de tal encargo. E justificam ainda essa necessidade, apontando o facto do cinema ter mantido, através dos tempos, os seus preços, sem acompanhar o agravamento do custo de vida, que hoje dificulta os seus passos. Com efeito, os cinemas de estreia, nestes últimos três anos, por exemplo, subiram a platéia de oito para dez escudos, ou seja apenas 25 por cento. Tal facto, aliás, justifica-se, até certo ponto, sob o ponto de vista económico, pela circunstância do aumento do público ter servido de elemento compensador para equilibrar as oscilações verificadas. Por outro lado, as «matineas» a preços reduzidos tornaram acessível ao público, de menos posses, os espectáculos apresentados nas salas de estreia. E assim foi possível manter os preços, sem um agravamento previsível, ao contrário, por exemplo, do que acontece com o Teatro, cujos lugares costumam três ou quatro vezes mais do que os de mais caras dos cinemas de Lisboa.

As salas de «reprieas», salvo raras excepções, porque têm preços diminuídos — há cinemas com lugares a 1800! — lutam com dificuldades maiores e sentem, mais premente, a necessidade do aumento, como condição indispensável ao equilíbrio financeiro. E assim, a tendência ultimamente verificada parece ser esta: a «reprieas» pretende aumentar o custo das respectivas localidades, mas quer que as salas de estreia as acompanhem no projectado acréscimo de 10 por cento sobre os preços em vigor. Os grandes cinemas de Lisboa, dum modo geral, pretendem manter as tabelas actuais, pelo menos enquanto não forem agravados os encargos que, neste momento, oneram os espectáculos — encargos que tiveram a última expressão no regime de «vlatoes», instituído recentemente pela Inspekção dos Espectáculos, e que nivou, para efeitos de cobrança, os cinemas de estreia aos de «reprieas».

Duas reuniões se celebraram já no Grémio Nacional dos Cinemas. E a despeito do facto de ter por cento ter chegado a ser votado, ficou o assunto em suspenso, por serem só levantadas objecções de ordem vária.

Tudo indica, portanto, que o falado acréscimo do preço dos bilhetes não chegou a ser votado, pelo menos por agora. E, assim, aoseguem os leitores — tanto mais que, do exposto, conclue-se que os próprios empresários o encaram com reticência e só modificaria as tabelas se a tal forem forçados, por novas exigências ou encargos.

Éis uma verdade indiscutível: Cyd Charisse é considerada a mais extraordinária bailarina de Hollywood. Pertence a um «bollete» russo, quando o cinema o conquistou. Vamos vê-lo em «Ziegfeld Follies». Dançará com este vestido de tule, pontilhado de marcos coloridos, e que, na foto, lhe dá este aspecto de ter os pernas sordentas ou com sinais de beixigos. Beixigos doidos, bem entendido.

CONCURSO TRIUNFANTE!

SEIS RAPARIGAS E GRATUÇAS PRECISAM-SE

TERMINA HOJE A ENTREGA DE FOTOGRAFIAS E COUPONS

TERMINA hoje à tarde a entrega de fotografias e «coupons» para o nosso sensacional concurso «Seis raparigas engraçadas, precisam-se», e que se destina à escolha de seis letoras para interpretar papéis no novo filme português «Matinée às 4».

Está-se incluindo os preparativos da mesma produção, que, como já dissemos, é dirigida por Santos Mendes, com argumento, diálogos e versos de Aníbal Nazaré, canções de Raúl Ferrão e João Nobre e música de fundo de Fernando de Carvalho.

Laura Alves, Raúl de Carvalho, Maria Sidónio e Barroso Lopez serão os principais intérpretes de «Matinée às 4», cujas filmagens devem começar brevemente.

É possível, atendendo ao grande número de letoras do «Vida Mundial» ilustradas que entraram no nosso Concurso, que o número de papéis que lhe era destinado passe a ser de oito ou dez.

Dentro de dias começará a selecção, e as concorrentes admitidas a provas serão chamadas, sendo devolvidas as fotografias às restantes.

Será grande o número de seleccionadas para as primeiras provas, atendendo ao grande número de senhoras inscritas e às qualidades que muitas das fotografias indicam.

Damos, hoje, um número maior de fotografias das concorrentes, que permite avaliar do lindo friso de novas artistas que a nossa revista vai apresentar no novo filme português.



(O COUPON DE INSCRIÇÃO VEM NA PÁGINA 16)

ria Antonieta, Lolita Fernandes, Irene Machado Santos, Maria Madalena Pestana, Maria Júlia Aguiar, Maria Arroteia Walgrand, Maria Virginia Monteiro, Maria Adelaide Gonçalves Fernandes da Carvalho, Maria Antonieta de Campos Manços, Maria do Céu Carvalho da Cruz Fazzenda, Vitéria da Conceição Pereira, Maria Adelaide de Menais, Maria Luísa da Cunha Homem, Miriam Henny, Maria Manuela de Silva, Marília de Sousa Santamarina, Luísa Gomes, Gilberta Cavaco, Maria de Lux Cavaco e Maria Fernanda de Sousa.

HISTÓRIA

DA NOVA GUERRA MUNDIAL

POR CARLOS FERRÃO



CAPÍTULO XXVIII O DRAMA DE TOULON



General Delastre de Tassigny

desembarcaram efectivamente no continente europeu.

A CARTA EM QUE O FUEHRER ANUNCIAVA A SUA INTENÇÃO DE FAZER OCUPAR A TOTALIDADE DO TERRITÓRIO FRANCÊS

Três dias depois do desembarque no Norte de África, quando já não podia haver dúvida de que este fôra coroado pelo êxito mais lisonjeiro, o encarregado de negócios do Reich em Vichy, Krugg von Nidda, pediu uma audiência ao marechal Pétain, em Vichy, a fim de lhe fazer entrega dum documento da mais

alta importância. Nesse dia, 11 de Novembro, comemorava-se o 24.º aniversário da celebração do armistício que pusera termo à primeira guerra mundial, e os alemães tinham querido certamente aproveitar essa circunstância para anunciarem a sua intenção de proceder à ocupação total do território francês.

O diplomata alemão fêz efectivamente entrega ao marechal dum carta pessoal do Fuehrer em que eram expostas, com grande minúcia, as razões que levavam o governo do Reich a tomar esta atitude. Nessa carta, de importância histórica, faziam-se, entre outras, as seguintes afirmações:

«Tenho a honra de anunciar a V. Ex.ª, sr. marechal, que me vi forçado, com pesar, a dar ordem de acção com o governo italiano, para que as minhas tropas ocupem, o mais rapidamente possível, o litoral francês do Mediterrâneo e para que colaborem efectivamente na defesa da Górgoa. Foi forçado a tomar estas medidas, sobretudo em virtude da atitude dum general francês (Giraud) que durante o seu cativeiro simulou uma doença e conseguiu evadir-se, apesar das garantias que havia dado e dos compromissos que assumira sob palavra de honra.

Posso anunciar a V. Ex.ª que as operações conduzidas pelas tropas alemãs não se dirigem nem contra a pessoa de V. Ex.ª nem contra as tropas francesas. Alimento ainda a esperança de poder um dia lutar, lado a lado, com elas na defesa do solo europeu contra a coligação dos piratas anglo-soviéticos. O único fim que tenho em vista é evitar que os acontecimentos que acabam de se registar no Norte de África venham a repe-

tir-se em França. Desejo pedir a V. Ex.ª que o governo francês faça tudo o que estiver ao seu alcance para evitar todos os incidentes que possam retardar a execução das medidas que resolvei adoptar, as quais igualmente se destinam a favorecer a França».

COMO FOI FEITA A OCUPAÇÃO PELAS FORÇAS MILITARES ALEMÃS

Ao mesmo tempo que se revelava que o chefe do governo francês, Pierre Laval, partiria para Berchtesgaden logo que teve conhecimento do desembarque, a fim de concertar com os chefes militares alemães as providências a adoptar, Rádio Vichy dava conta da diligência do Fuehrer junto do marechal Pétain e da estadia por êle dada ao pedido que lhe fôra feito. «Krug von Nidda, dizida, o comunicado oficial de Vichy, fêz esta madrugada uma diligência em Vichy, depois do que se reuniu o conselho de ministros, tendo a reunião durado uma hora. O governo examinou a situação que acabava de ocorrer, sem a assistência de Pierre Laval, que se encontra em Munich. Não foram prestadas quaisquer informações sobre as decisões tomadas na reunião». Por seu lado, o marechal Pétain fazia à imprensa uma curta declaração em que renunou, nos seguintes termos, ao direito da resposta que dêra à mensagem do Fuehrer: «Recebi esta madrugada a carta do Fuehrer anunciando-me que, em virtude das necessidades militares, fôro obrigado a tomar medidas que, no fundo, significam a destruição do armistício. Protegi solenemente a situação que acabou de ocorrer, sem a assistência de Pierre Laval, que se encontra em Munich. Não foram prestadas quaisquer informações sobre as decisões tomadas na reunião». Por seu lado, o marechal Pétain fazia à imprensa uma curta declaração em que renunou, nos seguintes termos, ao direito da resposta que dêra à mensagem do Fuehrer: «Recebi esta madrugada a carta do Fuehrer anunciando-me que, em virtude das necessidades militares, fôro obrigado a tomar medidas que, no fundo, significam a destruição do armistício. Protegi solenemente a situação que acabou de ocorrer, sem a assistência de Pierre Laval, que se encontra em Munich. Não foram prestadas quaisquer informações sobre as decisões tomadas na reunião».

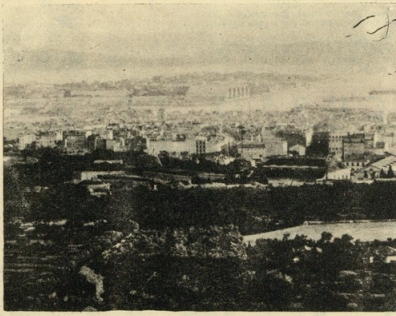
Rádio Paris divulgava, entretanto, o teor da mensagem que o Fuehrer dirigira ao povo francês para lhe anunciar a decisão de ocupar a totalidade do território metropolitano da França. A essa hora já a ocupação estava a ser feita com uma precisão e uma regularidade que denunciavam a existência dum plano cuidadosamente preparado para a sua realização, o qual guardava apenas uma oportunidade favorável para ser executado. Logo de manhã, no dia 11, as principais cidades do sul da França começaram a ser ocupadas sem que se registasse qualquer incidente entre as forças ocupantes e as populações locais. Entretanto, o marechal Pétain recebia em Vichy a visita do marechal von Rundstedt que, na qualidade de comandante-em-chefe das forças alemãs em operações no ocidente, fôra encarregado de dirigir superiormente a ocupação.

A OCUPAÇÃO DO RESTO DO TERRITÓRIO FRANCÊS REALIZOU-SE EM DOIS DIAS

As colunas motorizadas alemãs penetraram rapidamente pelo sul da França. As primeiras horas da manhã do dia 11, entraram em Lyon e em Limoges. Uma delgada saia da primeira destas cidades, alcançou o vale do Rodano e prosseguiu na sua marcha com o objectivo de alcançar depressa o litoral. Simultaneamente, as forças alemãs encarregadas de alcançar a fronteira franco-espanhola e estabeleceram-se em Pau.

No manhã do dia 12, Marselha foi ocupada sem incidentes. Contingentes alemães, relativamente fracos, foram destacados desta cidade a fim de fazerem contacto com as tropas alemãs que avançavam ao longo da Riviera. Os italianos ocuparam a Sabóia enquanto os alemães se instalavam, em atitude de vigilância, junto da fronteira suíça. A ocupação de Clermont Ferrand fêz-se igualmente sem que tivesse sido disparado um tiro.

Restava regular a situação de Toulon, em cujo porto se encontrava a quasi totalidade da esquadra francesa. Os alemães estabeleceram-se, desde o dia 12, em volta da cidade, mas não penetraram nela a fim de que a ocupação não levantasse o problema delicadíssimo dos navios



Vista de Toulon, grande base naval francesa



M. Laval, acompanhado do ministro Schlenker, face, na viagem de noite, do comboio especial que o transportou a Paris

As providências rapidamente adoptadas pelos alemães na Tunísia indicavam já, com suficiente clareza, que êles estavam decididos a opôr ao golpe dos Aliados no Norte de África uma reacção enérgica e violenta. O governo do Reich entendia que, mais que de palavras, era de actos que o seu país precisava para poder remediar, na medida do possível, os inconvenientes de toda a ordem que o desembarque anglo-americano inevitavelmente produziria.

A tendência, desde a primeira hora afirmada em Berlim, foi para responsabilizados chefes militares franceses pela complicidade que haviam emprestado à arrojada iniciativa dos anglo-americanos e para filarem nessa complicidade a incontestável derrota que o seu país acabava de sofrer. Como a França não tinha nenhuma possibilidade séria de reagir, apareceu naturalmente como a vítima designada da cólera alemã. Esta traduziu-se, imediatamente, por um acto que, embora de reduzido alcance sob o ponto de vista estratégico, se destinava a fazer sentir aos franceses que de futuro toda a sua actividade passaria a estar estreitamente vigiada, e que lhes seria praticamente impossível organizar um movimento de resistência de vastas proporções, como era de certo sua intenção firme.

Foi, sobretudo, com êse propósito que as autoridades alemãs prepararam e levaram a cabo a ocupação total do território francês, contra as cláusulas taxativas do armistício assinado em 22 de Junho de 1940 entre os dois países. O pretexto para realizar êse acto foi a possibilidade dum desembarque aliado no litoral do sul da França, desembarque que nessa altura era praticamente irre realizável por não haverem sido feitos para êle quaisquer preparativos sérios. No fundo, tratava-se de aplicar uma sanção ao povo francês e de lhe recortar o risco que certamente correria se porventura se dispusesse a auxiliar os inimigos do Reich, no dia em que êstes

(Continua na página 18)

OS PRIMEIROS

CRIMINOSOS DE GUERRA



GOERING



HESS



REIBBENTROP



KEITEL



ROSENBERG



FRANK



KALTENBRUNNER



FICK



STREICHER



KEITEL



FUNK



SCHACHT

A Comissão dos promotores de Justiça, criada pelo acordo de 8 de Agosto de 1945, entre os governos do Reino Unido, dos Estados Unidos da América, da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e do Governo Provisório da República Francesa, com o encargo de investigar e estabelecer os libelos acusatórios contra os criminosos de guerra, publicou no dia 30 de Agosto a primeira lista dos principais réus que vão ser julgados pelo Tribunal Militar Internacional.

Inesperadamente, apareceram incluídos nesta lista três nomes que causaram certa sensação. São eles: Rudolf Hess, Martin Bormann e Ernst Kaltenbrunner.

Pela ordem que estão citados no libelo acusatório colectivo, eis os nomes dos primeiros vinte e quatro criminosos de guerra da Alemanha: Hermann Goering — Marechal da Wehrmacht do Reich e considerado o oficial de patente mais elevada de toda a Alemanha.

Rudolf Hess — Vice-Fuehrer, amigo íntimo de Hitler, chefe do Partido Nazi, ditador da frente interna da Alemanha até 1944. Foi aprisionado com Hitler depois do "Putsch de Munique" em 1923. Fez uma viagem de avião à Grã-Bretanha para promover uma aliança anglo-alemã contra a Rússia em 1941. Desde então tem estado preso.

Joaquim von Ribbentrop — Ex-negociante de vinhos, embaixador da Alemanha em Londres até ser nomeado ministro dos Negócios Estrangeiros. Foi o único nazista que fez a salvação de nacional-socialistas diante do rei de Inglaterra.

Dr. Robert Ley — Chefe da Frente do Trabalho, organização nazí que substituiu na Alemanha as "Trade-Unions". Estava também encarregado da organização política do Partido nazí. Também tomou parte no "Putsch de Munique".

Alfred Rosenberg — Ministro do gabinete para a Rússia Ocupada; filósofo n.º 1 do naziismo; editor do "Voelkischer Beobachter", o jornal de que Hitler era proprietário.

Dr. Hans Frank — Ministro de gabinete; governador geral do Protectorado da Polónia; ex-agente especial na Austria. É responsável pela morte de seis milhões de polacos.

Dr. Ernst Kaltenbrunner — Personalidade pouco conhecida; foi o último chefe da Gestapo e era general da Guarda Negra das S.S.; dirigiu também os serviços secretos alemães durante a guerra.

Dr. Wilhelm Fick — Ministro do Interior; um dos mais antigos partidários de Hitler; foi o primeiro nazí a ocupar um cargo público na Turíngia em 1926; em substituição de von Neurath, foi protector da Tchecoslováquia.

Julius Streicher — «Gauleiter» da Francónia, editor do jornal anti-judeu «Stuermann», o maior inimigo dos judeus; amigo e colaborador de Hitler desde o "Putsch de Munique". Em público, andava sempre com um cavalo-marinho na mão.

Marechal Wilhelm Keitel — Ministro da Guerra do governo nazí; chefe do Supremo Comando da Wehrmacht em sucesso de Brauchitsch. Nega que tivesse conhecimento do que se passava nos campos de concentra-

♦ POR JOSÉ CORREIA RIBEIRO ♦

ção e afirma que apenas cumpria as ordens que lhe davam.

Walter Funk — Ministro do Comércio; ex-presidente do Reichsbank; membro da Comissão Económica chefiada por Goering. Foi o último ministro dos Negócios Estrangeiros da Alemanha. Tentou formar um novo governo em Saltsburg em Abril último.

Dr. Hjalmar Schacht — Presidente do Reichsbank, economista, político e conselheiro económico. Foi considerado durante muito tempo o verdadeiro sustentáculo de Hitler, e julgase que tem depostada uma enorme fortuna nos bancos de alguns países neutros.

Gustav Alfred von Bohlen Krupp — Último proprietário das Fábricas de Armamento Krupp; filho do criador do famoso canhão «Bertha», Financiou Hitler e o movimento nazí.

Erich Raeder — Almirante-general; comandante-chefe da Armada nazí; membro do gabinete de guerra hitleriano; perito em técnica naval; planeou o rearmamento, defraudando as cláusulas do Tratado de Versalhes, com a construção dos couraçados de algarveira. Foi afastado do comando em consequência de ter declarado a Hitler que era impossível reabastecer por mar os exércitos alemães que estavam a combater no norte da Europa.

Karl Doenitz — Grande-almirante; foi comandante de submarinos durante a guerra de 1914-18; chefe das campanhas submarinas durante a guerra de 1939-45. Foi o sucessor do

almirante Raeder. Em Maio último, nomeou-se a si próprio «chanceler» da Alemanha.

Baldin von Schirach — «Gauleiter» de Viena; ex-chefe da Juventude Nacional-socialista; poeta; descendente de americanos por parte da mãe; foi o homem mais jovem dos aristocratas de Hitler; conta, presentemente, 38 anos.

Fritz Sauckel — Ex-marinho; nesto desde a primeira hora; ministro encarregado dos assuntos respeitantes às organizações e trabalhadores alemães e deportados estrangeiros.

Albert Speer — Ministro das Munições; chefe da comissão para as pesquisas científicas (bomba-voadora e avião sem piloto); chefe das Organizações Todt. É o alemão que parece estar mais empenhado em fazer revelações sobre o nazismo. As suas declarações perante os oficiais aliados que o interrogaram, e a documentação que apresentou são consideradas de grande importância e têm excepcional interesse.

Martin Bormann — Sucedeu a Hess na chefia do Partido nazí; chefe da organização do partido durante as negociações de paz com os aliados íntimo de Hitler. A notícia da inclusão do nome de Bormann na lista dos criminosos de guerra fez supor que ele já se encontraria preso. Porém, esta informação foi desmentida pelas autoridades militares anglo-americanas e, no dia 2 de Setembro, os diários reproduziram um tele-

grama da «Reuter» no qual se diz que Martin Bormann falara, no dia anterior, por um emissor clandestino, declarando que Hitler estava vivo e de boa saúde.

Franz von Papen — O último cargo oficial que desempenhou foi o de embaixador na Turquia; ex-chanceler da Alemanha; vice-chanceler no primeiro governo de Hitler; anteriormente tinha sido embaixador na Austria.

Wilhelm Jodl — General; chefe do estado-maior pessoal de Hitler; primeiro conselheiro em assuntos militares; membro do Estado-Maior General; signatário da rendição alemã.

Constantin von Neurath — Barão; o último cargo que desempenhou foi o de protector da Tchecoslováquia; foi embaixador em Londres e ministro dos Negócios Estrangeiros.

Dr. Arthur Seydewitz — Foi o primeiro traidor nazí; devido à sua acção abriu as portas da Austria à Alemanha e atraçou o seu amigo e chefe do governo, Dr. Schusning.

Mais tarde, foi o primeiro governador-geral da Polónia e governador-geral da Holanda.

Dr. Hans Fritzsche — Director da Propaganda; radiofónico; sub-secretário de Estado do ministério de Goebbels; ex-jornalista e argumentista cinematográfico.

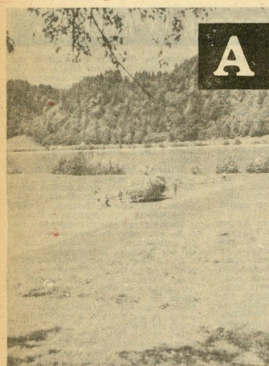
Os Julgamentos iniciar-se-ão em fins de Outubro em local ainda não marcado e, como todos os acusados estão a ser inquiridos particular-

(Continua na pag. 16)





1) O avô, Franz Zetelmeier, tem 75 anos de idade, e dirige um carro carregado de feno, dos campos onde trabalha diariamente. Zetelmeier tem um filho e três filhos que vivem em Chicago, Illinois. As últimas notícias que deles recebeu eram datadas de 1939. 2) Três irmãs, vizinhas dos Zetelmeier, ajudam-nos na sua colheita de feno.



A família inteira trabalha nos colheitas, junto à margem do Danúbio.

A ALEMANHA

REGRESSA

À VIDA!

COMO TRABALHA UMA FAMÍLIA RURAL ALEMÃ

A herdade de Zetelmeier tem já 200 anos de existência. Vivem ali, agora, mais de trinta pessoas, entre as quais a família do proprietário e alguns amigos, antes moradores em aldeias próximas, e que perderam os seus lares e haveres, com a continuidade dos bombardeamentos.

A herdade fica em Wallendorf, perto de Viahofen, e constitui um exemplo típico da vida que levam os camponeses alemães desde que o nazismo foi derrubado e as tropas aliadas ocuparam a Alemanha.

O seu proprietário, e chefe da família, Joseph Zetelmeier, habituou todos a trabalhar, lavrando a terra, criando galinhas e gado e fazendo o pão...

Todos — até as crianças — contribuem com o seu esforço para o bem comum.

E assim vive a família Zetelmeier. Inteliramente dedicada à terra, longe doutras idéias de conquista que não seja a conquista da Vida — da vida que o povo alemão se está habituando a viver com mais calma, justiça e humanidade.



Todos os membros da família de Zetelmeier trabalham no campo.



Do forno da sua padaria, o pai Zetelmeier retira o pão para todos...



A casa dos Zetelmeier (à direita), é uma agradável cozinha, junto à qual se reúnem para brincar as crianças da família.



Anna Rauch, mãe da mulher de Joseph Zetelmeier, trabalha na horta.



De manhã, Natália dos Anjos faz o seu negócio. E entre as suas freguesias contam-se muitos cantadeiras, seus colegas.



Esta freguesa exigente, que quer levar a galinha já depenada, é a cantadeira Matia de Lourdes. Vá lá! Por ser colega, apañou um preço especial...



Natália faz o seu «maquillagem», já livre dum dia de trabalho. Dentro de minutos vai começar outro trabalho: — cantar o fado! Ah! Mas deste trabalho gosta cis!

ISTO, afinal, resume-se numa curta história, que se conta em meia dúzia de linhas.

Quem sabe se seria possível encontrar-se, a pedalar numa máquina, num cubículo de alfaiate, uma esperançosa revelação do canto, do rádio ou do cinema! Nos estúdios americanos, isso, então, é o prato succulento e sensacional de quasi todas as milhentas vedetas, ignoradas, que um dia tiveram a felicidade de enriquecer trocando o dedal ou o balcão pela câmara do cinema.

Sabe-se, recentemente, a descoberta daquela linda moça que anda já com um exército de fotógrafos às voltas — e com cinco realizadores impacientes, que não a largam, acenando-lhe com punhados de dólares de se perder a cabeça...

E sabem porquê? Porque a foram descobrir a provar vestidos de meninas asiladas, numa grande costureira, dessas extraordinárias rainhas do negócio — cantando com acentuada melodia, quente e expressiva, de fazer sonhar, um «slow» inebriante.

A rapariga ficou aturdida quando lhe vieram com a proposta de «filmars». Vestida, «maquillada», três canções na ponta da língua, «lí-la pronta, depois de baptizada com um nome soante, que os cartazes empurram pela porta fora à procura da multidão, a correr mundo nessas fitas endiladradas, que são o encanto das plateias.

Muitos galãs foram criados de café e cantores de ocasião, que fazem popularidade e fortuna, ficliarim esquecidos ao canto da forja a cravar rebites e, num momento feliz, não os descobressem essa legião de repórteres e fotógrafos que enxameiam os grandes centros cosmopolitas.

* * *

Aqui em Portugal, um dia, o Cozme, o veterano das embaixas, foi encontrar numa aldeia um humilde cavador do campo que, além de cantor, compunha as letras das suas inspiradas melodias. Trouxe-o para o

Rádio Clube Português, e o êxito foi assinalável. Já hoje, muita gente, trautela, pelas ruas, as canções do Zé Fernandes, trabalhador do Muefal — o poeta-cavador.

A nossa primeira vedeta do Fado, Amália Rodrigues, antes de viajar de «Clipper», de ser recebida em grandes festas, de lhe chamarem «embaixatriz», «voz de ouro», «rainha da canção» e outras coisas, e de, com o calor e o entusiasmo da sua voz ter arrebatado multidões, vivia obscuramente, do seu negócio, e ainda hoje assim viveria se a não tivessem descoberto numa festa de aldeias.

E que dizer de tantos outros artistas?

Bastará dizer que a grande Adalina Abranches começou num acanhado palco de sociedade de recreio, a sua areolada carreira, só comparável à de Angela e Lucinda! Ora, hoje vamos falar da Natália dos Anjos, o «sentimento castigo do fado», e que, já no teatro, trabalhou na revista «Chuva de Mulheres».

Um dia, na Praça da Figueira, num lugar de galinheira, deram por ela, a assar sardinhas, naquelas festas dos santos populares, que costumam encher de ruído o mercado. Natália cantarolava. Pediram-lhe que elevasse a voz — e viu-se, então, que estava ali uma cantadeira, destua de êxito seguro. Os retroiros, os cafés do fado, disputaram-na. E Natália, sempre a sorrir, fazia, com a sua voz doce, chorar de sentimento os apreciadores da canção nacional...

Nunca deixou, porém, de todos os dias ajudar a mãe na falna da praça. De avental, granteleira, uma atenção para atender a freguesia, a cas-

CADA UM TEM O SEU FADO!!!

UMA CANTADEIRA DE FADOS QUE VENDE

GALINHAS NA PRAÇA DA FIGUEIRA!

tica cantadeira, a cantarolar, tinha ali outra assistência — outro público.

Os galos, as galinhas e os coelhos... E assim que Natália dos Anjos se desdobra.

Agora, na Praça, as apenas — do seu fado predilecto — são de galinha, galo e tenra, para uma freguesa exigente; logo, à noite, no «Luzos» nos «Martaivas», de chate de ranagem, entre a guitarra e a viola, as apenas são letra do fado, que a sua garganta privilegiada sabe interpretar com sentimento e ternura...

* * *

Muito cedo ainda; já o alvorço fêz arraiar na Praça da Figueira. Há

agitação, movimento, a que o matraquear, sobre o lagoado, das chinelas das «varinas», empresta um ruído de agitação.

Pregões, correrias, muitos ajulados de carregos, e galeras, à porta, que despejam continuamente mercadorias.

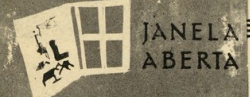
Natália dos Anjos tem, numa dessas alas, o lugar de galinhas, onde o seu trabalho cotidiano ajuda a mãe, uma das mais antigas e conceituadas vendedeiras do mercado.

Fomos encontrá-la com um gracioso avental de riscado e chinela, a

(Continua na pág-14)



E aqui a temos, finalmente, num típico retrato, interpretando o Cansão Nacional. E os aplausos são muitos, porque a Natália é, de facto, uma popular cantadeira!



FOR MANUEL MARTINHO

A ARTE E O SONO...

SERGIU, aquê violoncelista de S. Carlos, que Flahio, certa noite foi ouvir tocar no café do Socorro, barulhento, impregnado de álcool e de praguejar de falas e aiquiladores, tinha, além dos dedos «virtuosos», uma alma de filósofo errante — misto de boêmio e mundano. Tocava na orquestra do nosso teatro lírico. Acompanhava as «divas», os tenores, as celebridades vindas através da Europa, nos luxuosos paquetes com o escandaloso mundanismo cosmopolita que Lisboa provincialina, admirava alvorçada, teendo, à luz que cheirava a gás, tebras de aventureira fantasia...

À aristocracia brazoneada de libras, com coelho de líbré, — altivos barões de títulos comprados a péso de ouro, — tinha, nas notes de gala do ópera, o predilecto «flirt de olhos, apaixonados e ternos, nas esgulas ballarinas, já, então mal pagar — como hoje acontece às «giras» simpáticas, endividadas se não têm descaramento e beleza».

Sérgio sabia bem, como artista, que o mundo «snobo» rodeava. Havia na plateia os que, de olhos abertos, dormiam a sono sóto sobe as imortais «libretos» de Wagner ou Bizet.

Nada os demovia. Escutava-se, com alegria, a «romanza» conhecida, trauteada até, pelos rapazes da rua e pela cozinheira a mexer o retogado. S. Carlos era o pretexto de mostrar a casaca e de impôr, a climentia vaidadezinha, os canudos de tantas cabeleiras que o burguês Passeio Público, já contagiado de povoleu atrevido, lá arredando o seu desfile, orgulhoso de tufo e bandos.

Nada podia deter essa onda aterosa que, de bilhete pago, fazia da música, o que se diz, modernamente, «turismo da indumentária». Não sei se Chopin, Mozart, Beethoven, que escreveram os poemas sem sapatos de fivela e nunca pensaram nas casacas a mudar de cor, teriam algum dia pensado que para escutar os «Mestres Cantores» ou a «Nona Sinfonia» houvesse necessidade de se espartilharem os cavalheiros, desle as telas dos colarinhos ao pulimento apertado nos joanetes...

Sérgio, êsse extraordinário artista, por isso mesmo, catalogava os homens entre duas classes distintas: os de gravata e os sem gravata. À sociedade, de facto, metida num círculo infecioso de mundanismo, está sujeita mais às aparências do exterior do que à estrutura complexa do mundo que a povoa e faz girar à força do cérebro. Ninguêem hoje acredita no sábio de fôro róto, sem lhe chamar charlatão, nem no idealista de camisa de riscado sem o alçarbar de «snobe» rapaz aconhador...

(Continua na página 16)

CARMEN MIRANDA

HÁ dias, quando os soldados brasileiros passaram por Lisboa, corria, entre êles, uma notícia triste: — Carmen Miranda, a portuguesa do Brasil, a grande intérprete de samba, teria perdido o vida, num desastre do automóvel, na América!

Assim o afirmavam alguns officios do pois irmão, que garantiam tê-lo ouvido numa emissão do Estados-Unidos, durante a sua viagem.

Final, Carmen, não só está viva como também vai cosar com o Dr. Roberto Martin, que casou quando estava, pela última vez, no seu Brasil.

Carmen vai casar! Mas, possivelmente, não deixará de cantar, tanto mais que, afinal, nem tudo anda uma coisa com a outra...

VAI CASAR!

UM CANTOR DE QUEM O PÚBLICO GOSTA



Domingos Marques continua no teatro, mas gostaria de cantar na Rádio

COMEÇOU na Emissora Nacional, em 1943. Acabou nos programas de Variedades que eram, nessa altura, acompanhados pela «Orquestra Portuguesa de Variedades», dirigida por Fernando de Carvalho, que era, também, o maestro da Orquestra do Maria Vitória. Um ano depois, foi preciso um cantor nesse teatro, e Domingos Marques foi o escolhido. Talvez por isso o seu tempo de actuação ao microfone não lhe permitiu fixar, na rádio, o nome que as suas qualidades de cantor incontestavelmente mereciam.

Mas no teatro ligeiro, logo a sua voz suave e bem timbrada se impôs a um público que, apesar de tudo, ainda gosta de ouvir cantar bem. E hoje, Domingos Marques é, incontestavelmente, um dos nossos artistas cantores mais apreciados.

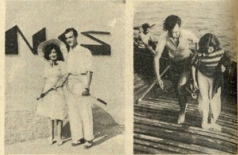
Tenho aqui, a nossa frente, simpático e modesto, pronto a responder às nossas perguntas:

— Com quees estudou canto?
— Sou, há cinco anos, aluno de D. Maria Antónia Palhares, única professora que tive.

— Diga-me, Domingos Marques: Prefere a Rádio ou o Teatro?

— Prefiro a Rádio... Mas, pelos vistos, a única coisa que permite um nível de vida de que um artista precisa, é o Teatro... Rádio, não conta, é o Teatro.

(Continua na página 14)



Atenas: Insceno do filme «Uma Cidade... Cade», em que vemos Edith Matra e Alicia Galhardo.

“UMA CIDADE... CANÇÃO”

ESTÁ QUÁSI CONCLUÍDO ÊSTE FILME DE PROPAGANDA DA FIGUEIRA DA FOZ

TRATASE dama obra digna do maior cinema: — Um filme de propaganda da Figueira da Foz, encantadora região de turismo e formosíssima praia. O filme tem dezoito capítulos, interpretados por vários artistas, e o argumento e realiação é de Oliveira Santos, que conta apresentar o seu trabalho era Dezembro, na Figueira.

(Continua na página 16)



Os governadores civis reuniram-se com o sr. Ministro do Interior, tendo-se tratado, entre outros assuntos administrativos, económicos e sociais, da realiação das próximas eleições administrativas.



NO MARIA VITÓRIA VAI ESTREAR-SE UMA NOVA ACTRIZ

MARIA Tereza tem 18 anos, é aluna de canto da professora D. Hans Hierman, e nunca tinha pensado em entrar para o teatro. Possuidora duma linda voz, a intenção era o cinema e a Rádio...

Mas um dia...
Ela passa a contar:—Um dia, o maestro João Nobre acompanhou-me numas canções para o empresário Rosa Mateus me ouvir e logo ficou aente que eu entraria na nova revista da sua empresa!

—Nunca tentou a Rádio?
—Deixe-me cá... Fui, ultimamente, fazer concurso à Emissora Nacional, fiquei aprovada e devia estreiar-me em Outubro... Mas agora, com o teatro...

E nos grandes olhos de Maria Tereza há uma tristeza por não poder

entrar na Rádio, um dos seus sonhos...

—Já está a ensaiar?
—Já e estou radiante! Todos têm sido muito simpáticos para comigo e perdi, definitivamente, a má impressão que tinha do teatro—uma impressão que muitas raparigas têm, como eu, «de ouvido!»...

—Espera agrada!
—Conto com a boa vontade e saber do empresário e realizador Rosa Mateus, e com a benevolência do público!

—E comigo não conta?
—Um bocadinho—muito pouco!

.....
Maria Tereza é uma rapariga simpática e modesta, sem o ar vaidoso

(Continua na página 14).



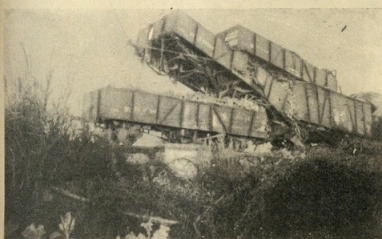
UM CHOQUE DE COMBÓIOS

Nã herdade da Fajardas, propriedade do sr. António Queriol Roquete, deu-se um violento choque entre o combóio de mercadorias 0802, em manobras na estação da Agolada, e cuja composição, quebrando os engates, se safou da máquina, e o combóio misto 2281, que vinha de Marinhais.

Os prejuízos materiais foram muito importantes:—ficaram destruídos vinte e dois ganhões e cerca de cinquenta metros de linha férrea.

Para aliviar da violência do choque, basta citar que o vagão-cisterna que seguia em oitavo lugar, saltou por cima dos outros, indo galgar por cima da locomotiva. Outros, ainda, ficaram empilhados em posições curiosas, conforme os leitores poderão ver por estas imagens absolutamente inéditas.

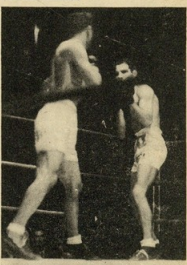
(Fotos Henriques de Araújo Pinto)



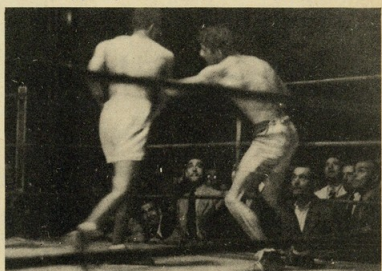
Antes do combate Beni Levy-Larsene, para disputa do campeonato de Portugal dos meios-médios



Nos primeiros rounds, Larsene fez jógo largo...



Aqui, os pugilistas equilibram-se, e a vitória ainda era incerto



Ultimo round: Levy verga as pernas, mostrando evidente inferioridade. Junto do eringa vêm-se, de pé, alguns espectadores emocionados

JORGE LARSEN É CAMPEÃO DE PORTUGAL DOS MEIOS-MÉDIOS

DESPERTO enorme interesse do público o combate, há dias realizado, entre Beni Levi e Jorge Larsen, para disputa do título de campeão de Portugal dos meios-médios, vagor por Beni ter sido dote desapoosado pela D. G. D.

Interesse natural, que resultou uma encheite. E os espectadores, apreciadores da «nobre arte» não ficaram desiludidos com o combate, que decorreu com entusiasmo, e do qual resultou a vitória de Larsen.



Beni levanta o braço do vencedor. Isto é Desporto!



O general Mota Torres, comandante do Exército Brasileiro, falando durante a sessão, por televisão, entre as grades sempre.

NÓS TAMBÉM FÔMOS À GUERRA

A CREDITEM, portugueses: — Nós também fomos!

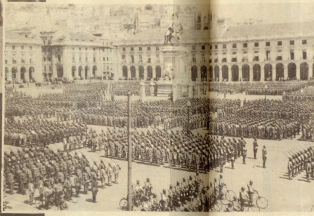
Estávamos nas trincheiras, porque lá estavam mais soldados do resto do mundo e a única forma que nós, dois milhões portugueses, tivemos de lutar de lá de Afêlides, em terra que portugueses descobriam, era lutar e morrer lá, porque Portugal era, logo a todo custo e a todo custo, logo depois de uma guerra que um só glorioso herói nos deu a honra de ser o primeiro a morrer lá. Em 1914, os milhões soldados portugueses foram para a guerra. Em 1914, os milhões soldados portugueses foram para a guerra. Em 1914, os milhões soldados portugueses foram para a guerra.

Que nós também fomos à guerra, disseram-nos os milhões de mulheres portuguesas, órfãs de filhos e de pais, de irmãos e de irmãos.

Disseram-nos as mulheres dos fuzis, os soldados que não puderam ser gloriosos soldados de vólvor.

E, mais que tudo, gritou o bem que o mundo inteiro nos entregou no soldado do primeiro mundo, seus irmãos de armas, como soldados durante a guerra e durante a guerra.

(Foto Jorge Garcia)



UM ASPECTO IMPONENTE DO TERREIRO DO PARADEIO DO EXERCÍTO PORTUGUÊS



Em 1914, o Sr. António Costa, então o Sr. Ministro da Guerra, e o Sr. Presidente da Comissão de Defesa Nacional, Sr. Mota Torres.



Os milhões soldados militares em defesa dos soldados portugueses.



A paragem do destacamento brasileiro no Arco da Liberdade, em frente do Palácio.



Um aspecto da marcha.



A bandeira brasileira, durante o desfile, sobre o mar da sua grande bandeira.



Quilómetros soldados de Portugal.



O Sr. general Carneiro, comandante do destacamento Brasileiro.



O Sr. general José Augusto de Albuquerque Maranhão, comandante do destacamento Brasileiro.



O Sr. general Miranda Coutinho, comandante militar de Lisboa, que comandou o destacamento Brasileiro.



O Sr. Presidente da República, em companhia do Sr. general Carneiro, durante o desfile, por ocasião do desfile com a presença de milhões de soldados.

CREME DO DIA
CREME DA NOITE

MATITE

O creme MATITE, de composição originalíssima, é o creme para todas as peles. Penetrando profundamente nos poros e activando a secreção glandular, rejuvenesce a cutis como nenhum outro produto, conservando-lhe um aspecto magnifico e de perene juventude.

L.T. PIVER

Domingos Marques

(Continuação da página 10)

chega... se chegasse — não queria outra coisa.

E conta-nos, depois, que sonha com uma «bóia de estudos» que lhe permitisse ir estudar ao estrangeiro.

A ópera é a sua tentação...

— Que género de música prefere?

— O género lírico, mas também me delecto no ligeiro, onde também encontro muitas canções que me interessam.

Assim falou Domingos Marques, um cantor da Rádio e do Teatro dos boucos que têm o justo direito de usar esse nome...

UMA NOVA ACTRIZ

(Continuação da página 11)

que caracteriza muitas aspirantes a vedetas...

E a sua estrela tem interesse porque não vai ser igual a muitas em que a menta diz duas palavras ou não diz nada — e chama-se-lhe uma esperança do teatro português.

Maria Tereza vai fazer um número cantado e um dueto com esse esplêndido artista que é Alfredo Ruas.

Uma cantadeira de fados

(Continuação da página 9)

partir, como sempre, uma gorda galinha — que, nas galinices, com o progresso das restrições, já se vendem aos quilos como qualquer peça de alcatra.

— Satisfeita?

Natália sorriu. Depois, com à-vontade:

— Logo vou cantar ao «Luso». Todas as terças-feiras tenho serviço. E não calcula: tenho de me poupar aqui, sempre a falar, a discutir com as freguesas que querem levar as galinhas — ficando com o dinheiro no bolso...

— E nunca canta enquanto trabalha?

— As vezes apetece-me. Sózinha, baixinho, canto para mim. E o fado das «pernas...» de galinha.

Rimos de gósto.

Depois, Natália dos Anjos, ainda sorridente, vai atender uma freguesa que queria um frango barato, mas que gordo, e que cantasse bem.

Natália mette, com desembaraço, o braço por dentro da réde que resguarda os galinicosos.

Há uma grastada de sons.

Que cantasse bem? Esta é boa!

Mas quem canta bem, ali, é só a vendadeira. Galos cantores de fado, de ópera, de alvoradas? Não querem ver as exigências do público?

Natália já arranja um, de linda penugem, grossos esporões, ativo, com a sua crista vermelha, ligeiramente pendida ao lado, como um irreverente boémio.

— Aquil tem este! Veja esta lindez!

A freguesa, uma «madames» oxigenada de dedos encimadas em outra pega-lhe por debaixo das asas. De pois, com certa avidéz:

— E canta bem?

— Imenso! — diz Natália com um ar travesso. — Até já estive para ser contratado para os «Mariasalvas». Ohe, no «Mourarias» é éle um alho. Melhor do que o Alfredo Marceneiro!

A freguesa percebe a graça. Discute ainda o preço mais uma vez.

O gallo, arrogante, volta para a ca-
poeira para saltar daí a pouco.

— Como vê — volve a cantadeira depois da freguesa sair — o público é muito exigente. Mais até do que os entusiasmados do fado.

— Gosta de teatro?

— Sim, muito. Todavia, adoro o cinema.

— Sobre o fado o que nos diz?

— Que é a canção que mais me enternece. Simto, com todo o sentimento, a verdadeira e singela expressão da alma que existe dentro da guitarra!

Mais outra freguesa se aproxima. Temos que nos retirar. E lá deixamos, na Praça da Pigeira, às voltas com o negócio, uma das mais castiças cantadeiras que o fado possui.

— Gosta de teatro?

— Sim, muito. Todavia, adoro o cinema.

— Sobre o fado o que nos diz?

— Que é a canção que mais me enternece. Simto, com todo o sentimento, a verdadeira e singela expressão da alma que existe dentro da guitarra!

Mais outra freguesa se aproxima. Temos que nos retirar. E lá deixamos, na Praça da Pigeira, às voltas com o negócio, uma das mais castiças cantadeiras que o fado possui.

— Gosta de teatro?

— Sim, muito. Todavia, adoro o cinema.

— Sobre o fado o que nos diz?

— Que é a canção que mais me enternece. Simto, com todo o sentimento, a verdadeira e singela expressão da alma que existe dentro da guitarra!

Mais outra freguesa se aproxima. Temos que nos retirar. E lá deixamos, na Praça da Pigeira, às voltas com o negócio, uma das mais castiças cantadeiras que o fado possui.

— Gosta de teatro?

— Sim, muito. Todavia, adoro o cinema.

— Sobre o fado o que nos diz?

— Que é a canção que mais me enternece. Simto, com todo o sentimento, a verdadeira e singela expressão da alma que existe dentro da guitarra!

Mais outra freguesa se aproxima. Temos que nos retirar. E lá deixamos, na Praça da Pigeira, às voltas com o negócio, uma das mais castiças cantadeiras que o fado possui.

— Gosta de teatro?

— Sim, muito. Todavia, adoro o cinema.

— Sobre o fado o que nos diz?

— Que é a canção que mais me enternece. Simto, com todo o sentimento, a verdadeira e singela expressão da alma que existe dentro da guitarra!

Mais outra freguesa se aproxima. Temos que nos retirar. E lá deixamos, na Praça da Pigeira, às voltas com o negócio, uma das mais castiças cantadeiras que o fado possui.

— Gosta de teatro?

— Sim, muito. Todavia, adoro o cinema.

— Sobre o fado o que nos diz?

— Que é a canção que mais me enternece. Simto, com todo o sentimento, a verdadeira e singela expressão da alma que existe dentro da guitarra!

Mais outra freguesa se aproxima. Temos que nos retirar. E lá deixamos, na Praça da Pigeira, às voltas com o negócio, uma das mais castiças cantadeiras que o fado possui.

— Gosta de teatro?

— Sim, muito. Todavia, adoro o cinema.

— Sobre o fado o que nos diz?

— Que é a canção que mais me enternece. Simto, com todo o sentimento, a verdadeira e singela expressão da alma que existe dentro da guitarra!

Mais outra freguesa se aproxima. Temos que nos retirar. E lá deixamos, na Praça da Pigeira, às voltas com o negócio, uma das mais castiças cantadeiras que o fado possui.

— Gosta de teatro?

— Sim, muito. Todavia, adoro o cinema.

— Sobre o fado o que nos diz?

— Que é a canção que mais me enternece. Simto, com todo o sentimento, a verdadeira e singela expressão da alma que existe dentro da guitarra!

Mais outra freguesa se aproxima. Temos que nos retirar. E lá deixamos, na Praça da Pigeira, às voltas com o negócio, uma das mais castiças cantadeiras que o fado possui.

— Gosta de teatro?

— Sim, muito. Todavia, adoro o cinema.

— Sobre o fado o que nos diz?

— Que é a canção que mais me enternece. Simto, com todo o sentimento, a verdadeira e singela expressão da alma que existe dentro da guitarra!

Mais outra freguesa se aproxima. Temos que nos retirar. E lá deixamos, na Praça da Pigeira, às voltas com o negócio, uma das mais castiças cantadeiras que o fado possui.

TIPOGRAFIA LITOGRAFIA FOTOGRAVURA LITOGRAFIA OFFSET PLAQUETES CARTAZES

FORMAIS REVISTAS OFFSET PLAQUETES

As melhores reproduções de

OBRAS DE ARTE

BERTRAND IRMÃOS, L.^{da}

Travessa da Condessa do Rio, 27 - LISBOA

Telefones P. B. X. 21227 - 21368

SUAVE MAS FIRME

Assim é a acção do LAXOBIAC, o novo laxante. Muito recomendável nos casos de prisão de ventre obstinada e nos de evacuações irregulares. Quem não pode tomar purgantes, encontra no «Laxobac» um remédio agradável, sabendo apenas a ótimo chocolate.

«Laxobac» acaba com a prisão de ventre e é ideal tanto para os adultos como para as crianças.

LAXOBAC

Em todas as farmácias a Escudos 5850 e 12800 cada caixa. Lembra-se do nome.

NAS CIDADE
NO CAMPO
NA PRAIA

As MALHAS LOCITAY

Revelam a distinção e o bom gosto das pessoas

À VENDA NAS MELHORES CASAS

As famosas

IGUARIAS, GÉNEROS ALIMENTÍCIOS E CONDIMENTOS da casa

CROSSE & BLACKWELL

ESTABELECIDA EM 1706

chegarão

com a **PAZ**



Estó é a fachada onde apareciam os cartazes de Roiz: e que cartazes! Quinhentos metros quadrados!



Aqui vemos Roiz trabalhando num outro cartaz de grandes dimensões

ROIZ, um artista moderno que durante oito anos ilustrou, com expressivos cartazes, a fachada do «Eden», acaba de alcançar, no final do seu curso de «cenografias e scenotécnicas», do Conservatório, uma brilhante classificação.

Muita gente ainda se lembra daquella enorme cartaz que reclamou o «Feltico do Império». Tinha quinhentos metros quadrados — e foi considerado como o maior cartaz que se tem feito no mundo.

Nem por isso, com os elogios recebidos, Roiz deixou de trabalhar.

No Conservatório, foi aluno dilceto de Manuel de Oliveira e Hugo Manuel, depois de ter frequentado a Escola de Belas-Artes.

Roiz, à nossa frente, com um sorriso de boa camaradagem, começa por nos dizer que os «cartazes» — e tantos, tantos que elle fez! — são muito mal pagos, e que esgotam o artista, com o portido esforço que é preciso dispendir. Acha que devia existir maior estímulo, sobretudo no aspecto material — porque, em boa verdade, o artista tem, diante de si, uma vida para viver e longos horizontes para sonhar...

A conversa, depois dum cigarro aceso, muda de rumo.

Fala-se do curso, da cenografia.

«E Roiz, com desalento, afirma:

— A cenografia, entre nós, é olhada com indiferença, como se se tratasse duma arte inferior. Isso, porém, é absolutamente errado, pois bons artistas plásticos se têm dedicado a ella no estrangeiro, como Picasso, o russo Jacouloff, o suéco Adolph Aggia, o francés Paul Colin e o belo decorador alemão Gerd Richter.

— E entre nós?

— No nosso meio poderá encontrar alguns consagrados artistas, por quem tenho a maior admiração, como Stuart, António Soares, José Barradas, Lino António, Maria Adelaide Lima Cruz, Manuel Lima — e, últimamente, Paulo Ferreira, Carlos Botelho, Bernardo Marques e D. Tomás de Melo nas admiráveis realizações do Secretariado (Verde Galo).

— Todavia...

— Sim, muitos deixam esmorecer o seu sonho, não somente por culpa das empresas, mas, sobretudo, pelo ambiente lizo acabado que se respira, e onde tudo morre à mingua de estímulo.

E depois duma pausa:

— E bom lembrar, também, as belas realizações cenográficas que se fizeram no Teatro Nacional, por José Barbosa, o nosso primeiro figurinista.

«Penso que o cenário, como elemento indispensável na montagem de uma peça, tem a função de dar todo o ambiente que ella necessita, desenvolvendo assim o gosto estético no público.

E, com entusiasmo, Roiz prossegue:

— Realizar um «decor» para teatro não é tarefa simples, para à primeira vista nos pode parecer, pois, presentemente, além de se ter que dar, em síntese, todo o ambiente da peça a que se destina, não pode nem deve prejudicar as personagens que se movimentam dentro d'elle, dando assim o realce de que essas mesmas personagens carecem.

«Na montagem duma peça, tanto no teatro musicado como no declamado, tem de haver uma absoluta harmonia e equilíbrio, e essa falta, que por vezes se nota no nosso tea-



O PINTOR ROIZ, VISTO POR TEIXEIRA CABRAL

Roiz

UM ARTISTA MODERNO

tro, é simplesmente pela ausência de colaboração mútua entre todos os trabalhadores de teatro, e, principalmente neste caso, entre cenógrafos e figurinistas.

— Que pensa fazer fora da cenografia?

— Em Novembro, com Teixeira Cabral, devo inaugurar uma exposição no Secretariado. Já tenho quasi todos os trabalhos prontos — desenhos e desenhos — e aguardo ansiosamente esse momento em que vou enfrentar

as reacções, sempre surpreendentes, do público e da critica...

E, depois dum aperto de mão, Roiz ainda nos confidencia:

— E pena que entre nós não se tenha dispensado mais interesse pelo teatro ao ar livre. Seria uma forma de, mais expressivamente, o decorador brilhar. Lembre-se de José Barbosa, que decorou o «Sonho duma Noite de Verões» de Shakespeare, com os maiores elogios dum público entusiasmado...



«Retrato Incompleto»

Estudo de uma dos figurinos para o quadro «Pescadores da Nazaré»

A ARTE E O SONO

(Continuação da página 10)

Há coisas que só se impõem pela apresentação. Uma idéia é um fruto. Como a laranja da Bahia guardada de rotulo e eciofanes, também a idéia tem de provir duma cabeça bem pensada, coberta de côco e bezuntada dêsse veriz "alfalático" que trás consideração — e afecta a indigência. Um grande tribuna francês, certo tarde, nos tempos agitados das revoluções feitas com a exaltação dos comicos, subiu a um banco da praça pública e, para mala se confundir com a turba, deixou escorrer a eloquência com a singleza dos termos, dando á frase o recorte popular. O pior, porém, é que, no fato cocado, nas botas cambadas, o povoelto viu um homem vulgar, da sua igualha, analfabeto pretencioso, talvez orador manhoso dos piqueniques de confraternização. Houve mesmo um senhor bem pôeto que aílrou uma moeda áquele executante de concêrto labial que, de ouvido, tantas sinfonias sabia sôbre o «Homen e felicitades».

Vê-se, assim, claramente que talvez mesmo antes do pensamento está a indumentária — antes do cérebro e da ciência — o alfaiate e a fazenda. É a personalidade do corte, o imenso talento da tesoura...

E porque?

Sirglo, o violoncelista de S. Carlos, que depois de sair do teatro, la deliciar os falas do velho café da Mouraria, é a resposta.

É que no café, presos da sua arte, êle nunca viu ninguém dormir...

MANUEL MARTINHO

O soldado
FLIT
bate-se
em tôdas
as frentes!



OS exércitos vacilam, quando a doença lhoa ataca os homens. Para defender a saúde dos combatentes das Nações Unidas, o soldado Flit mata, implodendo e infalivelmente, mosquitos, moscas e todos os insetos que espalham doenças. Pode também confiar a Flit o encargo de livrar o seu lar de moças, mosquitos, percevejos, etc. Continue a pedir Flit e exija verdadeiro Flit. Não aceite substitutos.



FLIT

Devido á guerra, Flit vende-se em frascos e latas. Lembre-se que se o soldado não estiver na embalagem, não é Flit.

Na guerra como na Paz, Flit é o insecticida que mata sempre.

"Uma cidade... Canção"

(Continuação da página 10)

No desempenho devem surgir duas revelações — Edith Maíra, uma estrepante de 17 anos, que nos dizem chela de qualidades e Alceides Galhardo, tenor de voz admirável.

Após a estreia de «Uma Cidade... Canção», serão feitas duas versões mais, uma em espanhol comentada por Joaquim Canaças y Daza de Castro, com canções pela vocalista Victoria Fernandez, e outra em inglês, comentada por Fernando Pessa, o grande locutor da B. B. C. de Londres.

Com o filme «Uma Cidade... Canção» render-se-á uma justa homenagem á linda Figueira da Foz, eterna noiva do mar, que pela primeira vez vai servir de cenário a um filme português de exaltação da Terra Portuguesa.

Criminosos de guerra

(Continuação da página 7)

mente, antes de serem conduzidos perante os Juizes, não é natural que as audiências públicas sejam muito demoradas.

Esta primeira lista, onde, como vimos, estão incluídos nomes grandes da economia, da finança e do Estado-Maior alemães, demonstra bem o desejo que há de castigar exemplarmente todos aquelles que planejaram, prepararam, desencadearam e fomentaram até á última, uma guerra agressiva.

Pela primeira vez na história do Mundo, classificou-se pormenorizadamente que os crimes contra a Paz são mercedores duma justa e implacável recompensa. Aparte dos assassínios e de outros actos abomináveis cometidos nos campos de concentração, o crime histórico da preparação e da declaração da guerra agressiva é, portanto, agora, tão punível como qualquer outro.

História da Guerra

(Continuação da página 6)

de guerra, regulado pelas cláusulas do armatício. Apenas um official francês esboçou uma gesto de resistência, logo reprimido, sendo imediatamente preso.

general Delattre de Tassigny que depois, tão grande notoriedade devia alcançar. No dia 13, pela manhã, a occupação considerava-se terminada, sendo publicado o comunicado em que se annunciava êste facto: «Completou-se a occupação de todo o sul da França. O comandante da esquadra fundada em Toulon e o comandante da defesa costeira comprometeram-se solenemente a que se defenderiam com energia contra qualquer ataque eventual dos anglo-saxões. Nessas condições, o Führer e o «Duce» não consideraram indispensável a occupação lhaquelle cidade».

O primeiro acto do drama de Tolon conclueva a representar-se.

(Continua)

LIVRARIA ECLECTICA
LIVROS NOVOS E USADOS

Compra grandes e pequenas
bibliotecas

Calçada de Combro, 68 — LISBOA

MEDICINA
PASTA DE GOITO
TRATA
gengivas doencadas
ou sangrentas
EVITA
estomatites mercuriais
ou birmuticas
MATA
os microbios da boca,
que dão causa a tantas
doenças graves

Medicinal pequena — tubo 11\$00
Medicinal grande — tubo 17\$50
Vulgar pequena — tubo 1\$00
Vulgar grande — tubo 7\$00

Tika
MATA

PERCEVEIOS
BARATAS
PULGAS
TRAÇAS

Vende-se nas Farmácias e Drogarias

Depósitos: Cada caixa 3\$00

Lisboa—Largo do Contador Mór 1. A

Porto—Largo de S. Domingos, 108

O SORRISO DA ESPÓSA... ALEGRIA DOS FILHOS
... E UM SEGURO EDUCAÇÃO NA
IMPÉRIO

COMPANHIA
DE SEGUROS
RUA GARRETT, 56
LISBOA

IMPÉRIO

Inscrição para o filme "Matinée à quatre"

Nome
Idade Profissão
Morada
Desportos que pratica Habilitações literárias
Sabe cantar? Que género?
Sabe dançar? Que género de dança?

FORAM horas de ansiosa expectativa que dita viveram. Lentamente, numa lentidão que cansava, lam-se as semanas, lam-se os dias.

E, afinal, desse sonho grande, só qualquer coisa de frágil era certa, postava Soldados do Brasil, que tão generosamente vieram trazer o seu quinhão de sangue para a paz da Europa, lam voltar à pátria. E que alguns deles, um punhado desses moços valentes em cujo sangue se mistura o sangue dos portugueses, passariam em Portugal, viriam colher, aqui, as primeiras palmas e os primeiros sorrisos, e também, as primeiras flores abertas pelo sol que nasce em Portugal e vai morrer no Brasil.

Nada mais havia para dar vida forte ao sonho, àquela sonho que era luz imensa a encher uma casa humilde de Lisboa, onde uma mãe, durante mais de um ano, ajoelhara aos pés da Virgem a suplicar-lhe a salvação do filho que andava em lutas feroces por terras distantes.

E o sonho tornava-se maior, a esperança crescia, à medida que o tempo passava. Todos afirmavam que o Arcílio viria aí, que o seu rapaz, o seu menino, em que, por coincidência estranha se haviam perdido o sangue português e a alma brasileira, não daria perder tão maravilhosa oportunidade de vir abraçar os velhos pais. Eles acreditavam já nessa certeza feliz. O filho que, dois anos antes, levado pela aventura e pela aspiração de ser alguém, embarcava para o Brasil, terra em que nascera, viria ainda à velha terra onde se fizera um homem, amparado pelo amor infinito de sua mãe e guiado pela perfeita maneira de ser de seu pai — um português que se bateu valorosamente na guerra passada. Assim, o Arcílio aprendera a respeitar e a amar as bandeiras das duas pátrias irmãs, que sempre se haviam entrelaçado no seu coração.

Na véspera da chegada do grande transporte, que era um pedaço de terra brasileira a flutuar no Oceano, quando a féria da recepção abrasava o peito desta boa gente de Lisboa, o altar da Virgem teve mais luzes e aquela boa mãe que, já por duas vezes oferecera os melhores tesouros do coração para a defesa do direito e da liberdade do mundo, chorou de alegria por tudo haver findado, sem que o seu Arcílio fôsse tocado pela má sorte, tal como o seu marido fôra poupado pela metralha da Flandres.

Também o pai, esse modesto e bravo Belarmino Machado, que durante onze meses pisou a lama das trincheiras em La Couture, sentia o coração pulsar-lhe de um calmo orgulho cumpridor e desistido que se batia pelo bem da Humanidade, de seu boizo de uma bandeira tecida com os fios das espadas dos seus avós.

Na manhã de domingo, eles ainda nada sabiam sobre a chegada do Arcílio. Já não confiava nas suas esperanças. O pai, mais afeto às contrariedades da vida, conhecedor de que uma pequena parte das forças expedicionárias viria a Lisboa, já não queria acreditar na ventura de abraçar o filho. Mas já foram, manhã muito cedo, ao cais a que atracara o barco brasileiro. Levavam o coração apertado pelo peso de cruel ansiedade. Os seus olhos, já turvados pela emoção, queriam ver e nada via. Passavam muitos e poucos soldados de farda verde, e eles não encontravam o Arcílio. Ouviam falar e não distinguiam a fada quente do filho, aquela fala muito portuguesa que eles conheciam entre todas as falas do mundo. Várias vezes correram o cais, ponta a ponta, perscrutando a amurada gelada de sprinchinas olhando os que já andavam por terra.

Preguntaram a uma e outra. Ninguém sabia dar-lhes notícias. E, por fim, alguém surgiu. Um soldado que também era filho de português, e que lhes deu a destilada amarga. O Aurélio Gomes Machado seguira para o Brasil, num dos primeiros transportes. Já devia estar há algum tempo no Rio de Janeiro.

E todo o sonho da senhora Maria da Encarnação tombou por terra num instante. Todas as suas esperanças, guardadas tão sórgumentemente se perderam sem rasto. E só uma verdade triste ficou a despedaçar-lhe o coração: o Arcílio não vierá.

E sem forças para resistir a tamanho abalo, faleceu nos braços do marido e das filhas.



Belarmino Machado, o heróico soldado do C. E. P., que hoje é barbeiro na Agência de Lisboa da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, recebeu-nos ainda muito abatido pelo desgosto de não ter podido abraçar o seu rapaz. No entanto, está conformado. No exército, as coisas não são feitas de maneira a satisfazer os desejos de cada um, mas só em obediência às necessidades militares. Neste momento, pesa-lhe mais a crise por que passou sua mulher, tão forte que a fez cair à cama. Nós também sentimos a falta do Arcílio. Pensávamos nesta reportagem há algum tempo, e colheu-nos a decepção.

Belarmino Machado explica-nos como se deu o facto singular do seu filho se encontrar a servir no exército brasileiro.

Tanto eu como minha mulher somos portugueses. Mas quando o Arcílio nasceu, estávamos no Brasil e, por isso, ele foi ali registado. Dois anos depois, regressámos todos a Portugal e o rapaz aqui se fez homem. Em Outubro de 1942, o Arcílio pensou ir para o Brasil, no desejo de tentar vida melhor. Procurei dissuadi-lo de tal, visto ele estar na idade militar e o Brasil ter entrado na guerra. Assim que lá chegasse,



Arcílio Gomes Machado, o soldado brasileiro, filho de portugueses, que seus pais esperavam, em vão.

UM PORTUGUÊS DO BRASIL FILHO DE UM SOLDADO DE PORTUGAL LUTOU EM ITALIA, COMO SEU PAI LUTARA EM FRANÇA!

seria incorporado, e, como teimou em ir, foi o que sucedeu. Mais tarde era mobilizado e seguiu para a Itália, com a 2.ª expedição brasileira.

— Como combatente da guerra passada, o senhor sentiu receio pelo seu rapaz?

O olhar do antigo soldado teve reflexos de tristeza.

— Sim, seria mentir, dizer-lhe que não sofri com a notícia do que, aliás, eu já previra; por ele e pela mãe. Eu estive na outra, nas linhas da frente, vi-o cair a meu lado, e aquilo não é brincadeira nenhuma! Agora com o que se sabia, as coisas eram piores. Mas, como pai e como soldado que fui, por cima dos meus receios senti grande orgulho pelo meu filho, e, em todas as cartas que lhe escrevi inítrito a sempre cumprir o seu

dever de militar, custasse o que custasse.

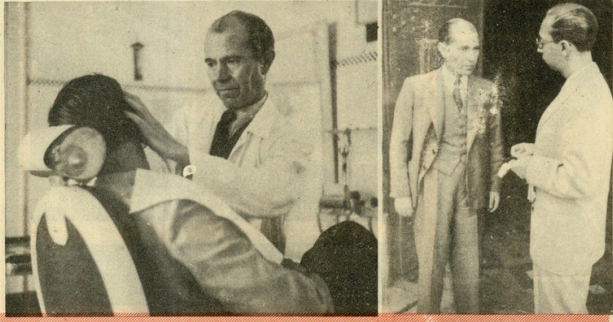
— Quanto tempo esteve ele em campanha?

— Perto de quinze meses. Sei que se portou bem e que se sentiu orgulhoso por ser filho de um português combatente da guerra passada. Creio mesmo que, moralmente, isso o ajudou muito. Epiódios da sua actual vida não conbego, visto que o não podia contar nas cartas que me escrevia.

Fassa por nós um rapagão alto e forte, que veste a farda do exército português.

— Este também é meu filho! — elucida-nos, com satisfação. — Como vê, todos na família cumprem o seu dever, seja em guerra ou na paz. Queremos falar agora um pouco do velho combatente da Flandres.

— E de si, senhor Machado, o que nos diz? Quanto tempo andou pela França?



2) Belarmino Machado, pai do Arcílio, é um combatente da Flandres, hoje barbeiro na Liga dos Combatentes da Grande Guerra. 3) Aqui vemos o sr. Belarmino falando ao nosso colaborador António Feio.

Ele sorriu, mostrando-se contente por falar um pouco a seu respeito, do seu tempo de guerra.

— Estive por lá onze meses. Passei por que milagre do destino! E o que tem que ser? Foi ordenança de um oficial inglês de ligação que servia nas nossas linhas. Muitas vezes o acompanhei, em patrulha, à terra de ninguém.

— Qual foi o seu pior momento?

— Durante um grande ataque dos alemães, a 14 de Junho de 1917, em que eles empregaram os gases. Mas não só escapel, como conseguia trazer para o primeiro posto de socorros um nosso oficial que caíra ferido e estava sem máscara. Salvei-o, e esse foi o acto que me deu maior alegria em toda a campanha!

— Não esteve no 9.º Abril?

— Não, por uma simples casualidade. A minha companhia foi rendido no dia 7, e a 8 de Junho o seu destino ataca de novo. Voltel a escapar... por uma unha negra!

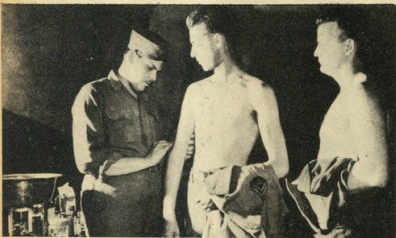
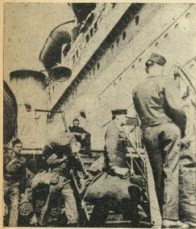
E com a lembrança dessa data, que todos nós trazemos presa à memória dos que ficaram em La 1.2ª, fundidos a pequena conversa com o velho soldado português — pai de um jovem soldado do Brasil.

ANTONIO FEIO

OS SOLDADOS AMERICANOS VOLTAM A EMBARCAR...



Estas fotos mostram vários aspectos da partida dos soldados americanos. Alguns, mais felizes, regressam já aos seus lares; outros, embarcam para o Pacífico, onde os espera uma Paz movimentada e perigosa... (1) O tenente-coronel H. C. Boeh, mostra, no seu adjunto, capitão R. K. Kempf, a convocatória que recebeu, mandando-o preparar-se para a viagem. (2) O primeiro cabo Joseph Melosh, que vai para o Pacífico, lê um livro sobre o Japão... (3) Soldados que vão seguir para o Japão, aproveitam a última oportunidade que se lhes oferece para enlaxarem lembranças para a família, nos Estados-Unidos. (4) Este barbo, atracado em Marselha, leva os que seguem para o Pacífico... (5) A bordo dum «liberator», estes felizardos seguem para a sua Pátria... (6) O sargento-enfermeiro Herman Segal, luaniza contra certas doenças tropicais os soldados que seguem para o Pacífico.



... UNS PARA O PACÍFICO,
OUTROS PARA A PÁTRIA

¡Nervosos! ¡Esgotados!

O excesso de trabalho, as preocupações, a vida dinâmica, produzem um desgaste no seu sistema nervoso, a parte mais nobre do organismo



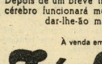
Os ruidos, sempre maléficos, tornam-se insuportáveis quando os nervos estão esgotados



Quando os nervos estão irritados a mínima questão resolve-se com violência



As preocupações e desgastes lesionam o sistema nervoso provocando insônia



Depois de um breve tratamento, os seus músculos tornam-se mais ágeis, o seu cérebro funcionará melhor, o equilíbrio dos seus nervos e o bem estar físico dar-lhe-ão mais vida, tornando-lhe o trabalho fácil e agradável.



Os nervos cansados são responsáveis da sua fadiga e depressão, da sua falta de memória, da sua excitabilidade.

Se notar qualquer destes sintomas, consulte o seu médico e recorra com confiança ao Fósforo Ferrero.

Pode sempre o legítimo Fósforo Ferrero
À venda em todas as farmácias em caixas de 30 e 40 comprimidos

Fósforo Ferrero

SUPER ALIMENTO VEGETAL DE ALTO PODER RECONSTITUINTE E NUTRITIVO

O essencial
para uma boa habitação

UMA INSTALAÇÃO
da casa MARMORES DE SOUSA BATISTA, L.^{DA}

PRAÇA DO MUNICÍPIO, 30 — LISBOA
TELEFONE 2 7643



Um aspecto da assistência ao Concurso Hípico de Cascais



Os concorrentes que entraram na prova «Ministério da Economia»



Um belo salto do alferes Vasconcelos Pôrto, no «Castanho»



Assistindo ao Concurso vê-se, a esquerda, o sr. Ministro das Finanças, seguindo, com interesse, a prova «Ministério da Economia»



Outro aspecto da assistência



O alferes Milho Ferro, vencedor da prova «Ministério da Economia»

O Concurso Hípico de Cascais foi uma confirmação do tradicional valor da cavalaria portuguesa

NO Hipódromo Municipal de Cascais disputaram-se as provas do IX Concurso Hípico daquela vila, uma iniciativa da respectiva Sociedade de Propaganda em benefício da Misericórdia local.

Assistência numerosa e entusiasta, ambiente de excepcional elegância, e sempre, durante todas as provas, um grande interesse do público.

Cavaleiros como Ribeiro Lopes, capitães Lemos da Silveira e Vasco Ramires, alferes Milho Ferro, o Marquês do Puncal, Barreto, Joaquim Leote, Helder Mendonça, Ricardo Ivens Ferraz e muitos outros animam a prova, mantendo os seus créditos com inegável galhardia.

Foram disputadas várias provas, entre as quais «Gandinhas», «Francisco José Paulo de Carvalho», «Câmara Municipal de Cascais» e a taça «Mundo Desportivo».



O capitão Vasco Ramires no «Zogala»



O capitão Lemos da Silveira saltando no «Gudiana»

REVOLTA DO YUCATÁN

POR GEORGES VIDAL

Teria a terrível sorte das outras, uma sorte salvá-la para atar-lhe os pés da brancura da sua pele...
Roy Gardner sentiu-se estremece. Consta Genovevo. Um tráz avassalador. E depois?

Confrangido, Gardner debatia-se contra a piedade que lhe rebatido tinha contra uma doença obscura. Seria verdadeiramente piedade?

Pouco provável, pensou Gardner, não se comovia nem com o sofrimento dos outros nem com a morte, e os inúmeros crimes que cometera em sua vida não lhe tinham rendido bastante.

Não, Aquê mal-estar vinha de mais longe: duma zona inexplicada, de uma região onde se acumulava pouco a pouco um grande mal da raça. Desiluiu um olhar para o grupo acastelado e amantado, e quando se levantou, rezava, e o vestido rasgado descobria um ombro luminoso.

Bonifavim nos nos cérebros daquele homem habituado a expedientes. Palpou as turquesas, observou a maneira de se sentar, em seu lazareto, dirigiu-se para a tenda do chefe.

— Quando saiu, o campo começava a despertar.

— Genovevo — gritou Tuerto Pelaez — queira cair da tenda.
O outro veio, enquanto Roy, indolente, se deixava cair na areia. Os velhos bucaneiros deviam ter uma voz assim, balza e rufar. As primeiras notas, as primeiras estrepentes e os índios, divertidos, fizeram roda.

De olhos mornos fechados, Roy Gardner vigiava a espanhola. Compreenderia ela o inglês? As outras não o compreendiam. Entendeu uma canção em voz, o aventureiro dizia palavras de conforto: «Não tenha estrepentes e não se deixe seduzido... Deixa-me representar a comédia... Esta noite conseguirei que fujam os portugueses. Não se preocupem de mais delícias, e esconder-te-ás na margem... Eu estarei lá ao amanhecer.»

As feições da rapariga continuavam no mesmo abatimento. Roy quis certificar-se. E preguntou:

— Compreende?

— Não entendo nada.

Pensativo Roy Gardner envolveu-se no fumo do cachimbo. Viu vir Tuerto Pelaez e o ajudante. Genovevo mal conseguia falar.

— Assim me despojas das minhas prendas...
Qual! Não exageres, homem, não exageres.

Tuerto compreendeu... Por uma vez não se apanha uma branca não quando ficar mal...
Tuerto ficou-se em entulhamento. Na tenda, Roy só conseguia vencer depois de uma interminável discussão. Sem a primeira assistência dos argens que tinha, o chefe rebete nunca teria prejudicado Genovevo para o benefício dos espanhóis, se não só Gardner podia ir a Nova Orléans.

Com os olhos esgazados pelo estrepente da primeira assistência à discussão da sua pose.

— Não se fala mais disso! — atirou Tuerto Pelaez. — A rapariga é para ti esta noite; será para Genovevo amanhã.

Foi ao claro das fogueiras, depois de ter caído a noite, que se fez a partilha das outras prisioneiras, arrastando circunvencidas as cabeças de chiche. As embriagadas apoderavam-se da guarda, e Roy Gardner, de seu chumbo nos dentes, lançava, de vez em quando, uma terrível galantaria na direcção espanhola.

Era preciso fingir, fingir até a ignominia por causa dos pequenos olhos desconfiados de Tuerto... E Roy, impotente, deixava rolar convulsas lágrimas sobre as faces lividas da prisioneira.

— O tempo passa! — disse, por fim, Pelaez. — Lembra-te de que partes amanhã.

O aventureiro esperava apenas este convite. E deu uma gargalhada cañalha.

— Tens razão, Tuerto, tanto mais que a senhoria podia impacientar-se. Adiérentes.

Com uma pancada brutal fez erguer a rapariga, e entrou-a no repartimento. Esta comédia incomodava-o assim, que estivessem longe, poderia, entim, falar-lhe.

— Cuidado! — urrou súbitamente o Tuerto. Atenção!

Mas o grito chegou tarde. Roy não tinha dado pela mão pronta da espanhola, que lhe mexera no cinto, e só viu o revolver apontar de cima quando o cano já disparava.

A clareira oscilou; o chão fugiu-lhe debaixo dos pés. Estendeu para os braços qual afogado no último arranco.

— Agora que me tinha dado para ser bom...

E vez em quando, o homem procurava libertar o pé. Erguia-se depois, de um salto; espreitava-o a guarda diante do crocodilo. E a queda ruela infernal colhia-lhe as cordas que o amarrava enrolava-se cada vez mais em volta, postas a vibrar.

— Se fôses a ti metia-lhe já uma bala na cabeça! — resmungou Roy Gardner.

Tuerto Pelaez não respondeu, e, com aqueles olhos pequeninos e cruéis, continuava a conter-se no suplicio. Na margem oposta do Usamacinta, o homem tentava em querer fugir, teimava naquella fuga sória, mas os círculos iam-se apertando, apertando... Um rugido de espanto subiu até à abóboda dos céus...

— Os brancos não sabem morrer! — exclamou Tuerto Pelaez, escutando com desprezo.

E fez-se um silêncio, um silêncio que parecia cavar um vício na floresta. Lá longe, na areia amarela, o crocodilo disputava o cadáver às cordas que o ligavam.

— Conta-me primeiro o que diz a gente do Norte! — pediu Tuerto Pelaez.

Roy Gardner tirou um jornal da algibeira e, com o dedo, apontou um título: «Revolta no Yucatán». A revolta dos Lacandons tomou proporções imprevistas. Comandados por Tuerto Pelaez, os índios apoderaram-se de todo o vale do Usamacinta e pretendem criar um Estado independente. O seu primeiro cuidado foi chacinar os usurpadores, isto é, os brancos que habitavam o país. Os próprios mestiços não mal vistos e expulsos por estas hordas feroces, que reclamam as terras dos seus antepassados. Tuerto Pelaez parece ter tomado como modelo o famoso Zapata e, até há pouco metido no matto, pôs em cheque as forças regulares que mandaram a combatê-lo. A dar crédito, nos indígenas recentemente capturados, há um europeu fora da lei que acompanha Pelaez nos seus assaltos e que lhe serve de conselheiro militar...»

Um sorriso orgulhoso entreabriu os lábios do rebelde, cujos dentes brilhavam ao sol.

— Vem, amigo!

Passaram por entre grupos de índios acocorados e entraram numa terra de palmas.

— Olha para isto! — disse Tuerto Pelaez, levantando uma serapilheira.

Roy Gardner abafou uma exclamação. O pano cobria duas talhas cilíndricas cheias de ouro e pedrarias.

— Saí! Como queres tu que eu compre este tesouro? Não é a primeira vez que fazemos negócios e sei que não ignora o valor das coisas.

Tuerto Pelaez deixou cair a serapilheira.

— Não é muito simples. As minhas tropas aumentam de dia para dia, mas não posso armá-las. Preciso de espingarda e de munições. Vê se mas arranjas.

— Pois sim... — respondeu Roy Gardner.

E colava a barba espessa, enquanto uma profunda ruga se lhe cavava na testa.

— Pois sim... — repetiu. — Vou tratar disso em Nova Orléans, e...

— Não! — atalhou o índio. — Se eu te confiasse o ouro e as pedrarias não tornaria a ver-te... Arranja-te para me trazer a carga até à foz do Usamacinta e lá faremos contas.

O rosto do estrangeiro endureceu.

— Seja! Mas quero qualquer coisa por conta. Há despesas, há riscos... Sem nada acrescentar, o chefe índio meteu a mão numa das talhas e deu a Gardner um punhado de turquesas.

— Partirei amanhã ao amanhecer, disse o aventureiro. Terás as armas daqui a duas semanas.

Sairam da tenda. Envolvida pela sombra cinzenta dos sândalos e pela sombra negra das mangueiras, a sombra dourada dos arbustos regorjava de chilreios. Por entre o arvoredor denso, a banhaia caía em grinaldas de folhas gordas.

— Escuta! — disse Tuerto Pelaez. — Ao longe, uma perla selvagem grutetejou com insistência. A beira do rio, um índio modulou o mesmo grido.

— Genovevo! — Interrogou Roy Gardner.

O campo tinha-se animado. Abandonando as suas oqueiras, os Lacandons corriam para as píragas encalhadas na areia. Apareceram logo umas doze embarcações. O sol arrancava cachos de luz aos remos; o canto selvagem dos índios repercutia-se pela selva.

— Está contido! — notou Tuerto Pelaez. — É bom sinal.

Roy Gardner enchia o cachimbo com indiferença. Fugindo da clareira, o seu pensamento errava para além dos açújos cheios de pagagatos; reconstituía, imagem por imagem, o sadrez da civilização dos brancos; raparigas pintadas, sanduíches de presunto, cerveja gelada, música... Mas quinze dias de esforços e esta civilização estaria outra vez ao seu dispor.

As primeiras píragas tocavam em terra por entre clamores. Um índio

correu para Pelaez, que o abraçou. Era Genovevo Serrato, primeiro lugartenente do chefe rebelde.

— O soldado de Neyuka já não nos incomodará, Tuerto! — anunciou o recém-chegado.

De mãos nas algibeiras, Roy Gardner aproximou-se das píragas. O fumo do seu cachimbo erguia-se na atmosfera torrida. Olhou distraidamente o que os Lacandons iam descarregando e imaginou sem dificuldade o saque feito em Neyuka. Nada devia ter escapado à fúria destruidora dos revoltados. Chacinavam e pilhavam com prazer, deixando atrás de si apenas sangue e ruínas fumegantes. «A plantação voltará para a floresta e a floresta voltará para o índio!» — dizia Tuerto.

Que importava tudo isso? O aventureiro apalpu as turquesas. E assobiou, junto das píragas erguia-se um concerto de gargalhadas e de gritos. As «scávias», pensou Gardner, ao distinguir vestidos por entre os corpos nus dos Lacandons. Também isso lhe importava pouco naquele momento, a fé erto de mestiças, quando a civilização la entregar-lhe raparigas loiras de carnes vestidas de séia...

De repente, estremeceu, porque entre a confusão das peles bronzeadas acabava de descobrir uma pele branca. Interdito, afastou as mãos que assanhavam as prisioneiras para as despojar dos vestidos.

— Olá, Genovevo! Trouxeste uma espanhola!

Genovevo aproximou-se, distribuindo sopapos aos índios.

— Bonta, não é? Agrada-te? Venda-te, se a queres...»

E desatou a rir, puxando a infeliz pelos cabelos para lhe fazer voltar a cabeça para trás e melhor mostrar o pescoco e o lindo rosto livo.

— É bom — resmungou o aventureiro.

O sol do meio-dia abrasava a areia. Todo o campo mergulhava em torpor.

O aventureiro meteu as mãos por baixo da cabeça e fechou os olhos. O sono, contudo, não vinha... Nervoso, mudou de posição. E viu, ainda deitado sobre si, o olhar da espanhola. Por mais que quisesse, não podia fugir àquela olhar. Enquanto comia tinha o sentido pesar sobre si. Depois, mesmo quando fechava os olhos, via aquelas olhos a um tempo feroces e suplicantes. Que podia ele fazer por quê? Nada, evidentemente.





RADIANTE, TRUMAN EXIBE UM SALMÃO QUE ACABA DE PESCAR.



TRUMAN EXEUTA MÚSICA MODERNA, AO PIANO

Harry Truman, o Presidente dos Estados Unidos, resolveu gozar umas bem merecidas férias fora da capital americana.

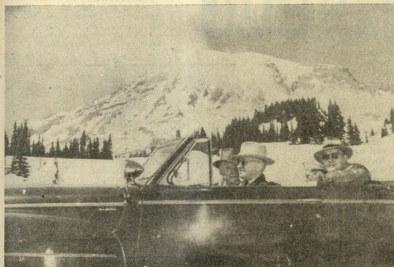
Agora, que começou reinando a Paz em todo o Mundo, os homens que fizeram a guerra e com ela esgotaram, ao máximo, a sua resistência, precisam descansar. Truman dirigiu-se, de avião, para Olympia, no Estado de Washington, de visita a um velho amigo e colega do Senado: — o governador Wallgren.

Ali, o Presidente passou uma tranqüila semana de férias, longe da política, da burocracia e do protocolo.

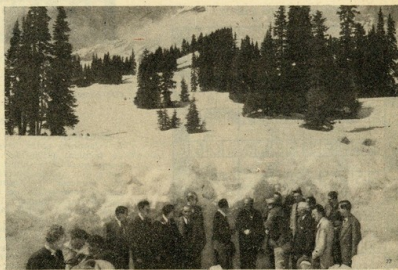
Tocou piano, na Estalagem do Paraíso, do Parque Nacional Rainier; pescou; passou no seu carro, com amigos; brincou sobre a neve e deu muitos passeios a pé.

É evidente que, depois das férias e no regresso ao trabalho, o Presidente vai estranhar...

AS FÉRIAS DO PRESIDENTE TRUMAN



ELE PRÓPRIO CONDUZ O SEU CARRO ATRAVÉS O PARQUE. AO LADO DO PRESIDENTE VÊ-SE O GOVERNADOR WALLGREN



NA MÃO DO PRESIDENTE VÊ-SE UMA BOLA DE NEVE, COM QUE TRUMAN BRINCA, DESCUIDADAMENTE.



TEMPERAMENTO BONDOSO
 — Porque pede paciência estando tão só e robusto?
 — Por altruísmo, senhor; sou solteiro, e se trabalho exposto a sair à pio a qualquer bonhado, é de fantasia.



PRESCRIÇÃO MÉDICA

— Nem vinho, nem tabaco, nem cigareta, nem cinema...
 — E depois, doutor?
 — Depois, suponho que terá feito economias suficientes para pagar-me as dez últimas consultas que n.º devo.



BOA GENTE

— Não vem nenhuma pessoa de sua família vê-lo?
 — Não, minha senhora; não os deixam sair das outras celas.



PASSATempo



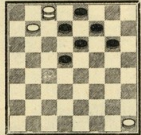
DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES
 Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marquês Sá da Bandeira, 108, 3.ª — LISBOA

DAMAS

(Secção espanhola)
 Orientador: Dr. Carlos R. Lafuza (Espanha)

1.º CONCURSO INTERNACIONAL DE PROBLEMAS DE «DAMAS»

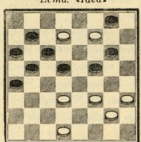
COMPOSIÇÃO N.º 70 — (Final)
 «La Provinciana», 24/5/45 (Las Palmas — Espanha)
 Lema: «Shelek Sepia VII»



As brancas jogam e ganham.

COMPOSIÇÃO N.º 71 (PROBLEMA)

«La Provinciana», 31/5/45 (Las Palmas — Espanha)
 Lema: «Ideas»



Mate em 6.

(Secção portuguesa)
 1.º CAMPEONATO, POR CORRESPONDÊNCIA, DE JOGO DE «DAMAS» DE «VIDA MUNDIAL ILUSTRADA»

RESULTADOS DA 1.ª ELIMINATORIA (Continuação)
 Série J
 Vencedor: Germano Augusto dos Santos (Pórtó).
 Eliminado: Jacinto Castelo

XADREZ

PROBLEMA N.º 10
 Por K. Larsen (Munique)



2x

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9
 1. B-c2; 2. Bxf5.
 Se 1.T-c5, R-06, etc., sem mate possível.

PROVERBIOS A ADIVINHAR

Q O A V N P O D
 1 1 3 3 2 1 2 1 2
 A Q C V O Q F
 2 1 2 1 1 1 1 2
 Q T Q T P
 1 2 2 2 2

Nota — Os algarismos que se encontram por baixo das letras indicam o número de sílabas de que se compõe cada palavra.

MARIDOS ZELOSOS

(PROBLEMA)
 Três maridos muito zelosos chegam, em companhia das suas respectivas mulheres, à margem de um rio que têm que atravessar, e na qual só há um barco sem barqueiro.
 Este barco é tão pequeno que só tem lugar para duas pessoas; pois se quisessem embarcar três

o barco sobressairia e o barba era inevitável.
 Porém, não há outro remédio sendo cruzar o rio; e temo em



conta o terrivelmente zeloso que são os três maridos, trata-se de resolver a passagem dos três casais para a margem oposta, sem que, em nenhum caso, fique numa ou noutra lado do rio uma mulher em companhia de 1 ou de 2 homens sem que um deles não seja o seu amantíssimo marido.
 (A fim de facilitar a solução do problema, daremos nos casais os nomes de: Filipe (1) e Inês; Augusto (2) e Casimira; e Jaime (3) e Raquel).

APRENDA RÁDIO
 POR CORRESPONDÊNCIA, PEÇA FOLHETOS GRÁTIS

ACADEMIA NACIONAL DE RÁDIO
 A. DR. MANUEL LARANJEIRA, 12 - PORTO

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 34
 HORIZONTALS: 1 — Aleaz apre. 2 — Ave; alia. 3 — Og; orates; el. 4 — Recreadora. 5 — São; asa. 6 — Dás; lã. 7 — Le; gislador. 8 — H; lílico; ut. 9 — Sav; raso. 10 — Rasar; roer.
 VERTICAIS: 1 — Acórulic. 2 — La; see; del; Sã. 3 — Evoca; agias. 4 — Aéreo; silva. 5 — Ab; sl. 6 — Ate; lar. 7 — Aledu; lecur. 8 — Písoz; lídoz. 9 — Ra; era; son; re. 10 — Estanarar.

PALAVRAS DERIVADAS

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 2
 QUEM O ALHEIO VESTE...

	2	1	3										
N	M	U	N	D	O	D	U	M	O	D	O	M	O
	5		4		6								
A	A	S	A	R	O	A	R	O	S	R	O	S	A
	8		7		9								
-	D	R	O	G	A	G	O	R	D	I	A		
	11		10		12								
P	L	O	P	E	S	E	L	O	L	O	S	E	
	14		13		15								
R	S	O	R	N	A	V	A	S	O	V	A	O	S
	17		16		18								
A	P	O	R	O	S	A	S	O	P	R	O	S	O
	20		19		21								
C	O	O	R	T	E	M	E	T	R	O	T	R	O
	23		22		24								
A	S	A	L	A	O	L	A	S	L	O	A	S	

bojo fapag. === @vita

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 35 (Concurso)
 Por Mário António Pígarra

(Da Federação Nacional dos Produtores de Trigo) (Lisboa)

ENUNCIADO

HORIZONTAIS: 1 — Vestígio; mondar searas. 2 — Caminho entre árvores; ouvem-se. 3 — Nome de homem; ético. 4 — Aliares; aroma. 5 — Próprio possessivo (fem.). 6 — Instrumentos de madeira que alguns barcos possuem. 7 — Pessoa de mau carácter. 8 — Figura mitológica que entre os latinos representava o amor; baruco. 9 — Pouca; transportar (suportar). 10 — Terra pronta para cultura; baruco. 11 — Plantas dos pés (térmo popular); agriem.
 VERTICAIS: 1 — Ramos e folhagem das árvores (pl.); fruto (pl.). 2 — Elevar; não vulgar. 3 — Tempo do verbo ser; espécie de cobra venenosa. 4 — Análogo (pl.); compartimento. 5 — Ente. 6 — Tempo do verbo. 7 — Contração de preposição e de artigo (pl.). 8 — Esta; terçado. 9 — Dinheiro; instrumentos de fiar. 10 — Remunero; procura. 11 — Fruto; suspendam.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1											
2											
3											
4											
5											
6											
7											
8											
9											
10											
11											

A MAMÃ ENGANOU-SE...

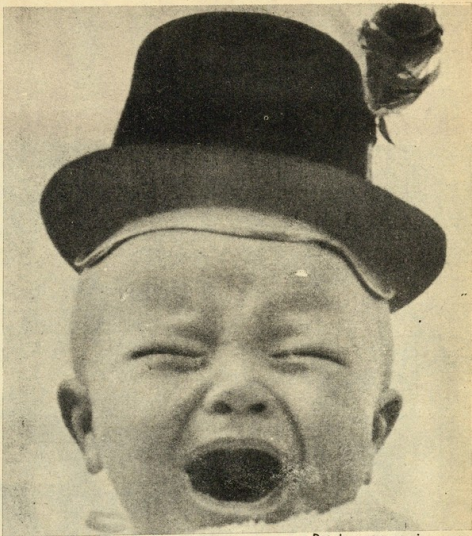
A mãe conhecia-a bem. Os seus dezasseis anos «coquettes», dum modernismo exagerado e perigoso, davam-lhe muito que pensar. Quasi não tinha tempo de censurar à filha um novo «flirt» ou o último acto escandaloso e impensado. Quando lhe falava dum — já a pequena ia noutro...

E tinha, ainda, uma mania, que a mãe, exagerando também, considerava grave: — o Cinema! Foi, por isso, com pasmada alegria, que a mãe a ouviu, uma noite destas, falando alto no seu quarto:

— Não! Quero ser uma rapariga ajudada! Não me interessam «flirts» de praia nem preciso que reparem demasiadamente em mim! Basta-me ser como sou, uma rapariga modesta, que vive para o seu lar e para o amor e o carinho dos seus.

E a mãe não pôde mais! Abriu a porta do quarto — e abriu os braços para apertar a filha!

Mas, ao estrar, ficou pasmada: — Em frente do espelho e com um papel na mão, a pequena estudava uma fala dum filme em que se quer estrar, sem licença da família...



— Dos dois um, menino: — ou péro ue chorar ou tire e chorar... que chorar assim é uma vergonha!



— Seu selvagem! Então isso faz-se à menina?



Ditados que não estão certos: «Escorregar não é cair!». Esta pequena escorregou e caiu, estrondosamente, como se vê na gravura. Felizmente, levou e quedo o rir! Antes assim...



— Ora vejiam! Tão pequenina e já a olhar para a sombra...

PALAVRAS

A propósito das pessoas que gostam de meter-se a fazer coisas que não sabem: — Um «lord» inglês, falando um dia do noivo de sua filha, dizia: — «É um esplêndido rapaz, cheio de boas qualidades. Mas tem um grande defeito: joga o «pocker»!

— Mas isso não é um defeito! — disseram-lhe.
E ele explicou:
— É, porque ele não sabe jogar o «pocker»...

É uma triste coisa que, para se descansar, seja preciso, primeiro, estarmos cansados...

Não são a mesma coisa, embora o pareçam, o «novo» e o «moderno»...

Reparem bem: chegar antes de tempo, não é ser pontual...

Dum artigo há dias publicado no «Daily Herald»: — «O maior problema que surge para as tropas de ocupação do Japão, é este: — os Japoneses!».

Este ano, os cartazes das corridas de toiros de Valência foram muito alterados pelas colhidas que sofreram Manuelete, Ortega e outros «diestros».

O último «espada» chamado para trabalhar foi Curro Caro, que, à partida, disse a uns amigos:

— For isto é que me aborrece tourear! Já sei que, quando me chamam, é porque já foram colhidos dezasse!

O PRESIDENTE CARMONA CON-
DECORA A BANDEIRA DO CON-
TINGENTE BRASILEIRO QUE
COMBATEU EM ITALIA.

(Foto Serra Ribeiro)

